

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MATHEUS LINNEKAN DE SOUSA NASCIMENTO



A HERMENÊUTICA BÍBLICA PENTECOSTAL DE GUNNAR VINGREN NA OBRA  
“O TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES”

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 04/05/2023.

VITÓRIA-ES

2023

MATHEUS LINNEKAN DE SOUSA NASCIMENTO

A HERMENÊUTICA BÍBLICA PENTECOSTAL DE GUNNAR VINGREN NA OBRA  
“O TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES”

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 04/05/2023.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Dissertação de Mestrado Profissional como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade  
Unidade de Vitória. Programa de Pós-  
Graduação em Ciências das Religiões. Área  
de Concentração: Religião e Sociedade. Linha  
de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

VITÓRIA-ES

2023

Nascimento, Matheus Linnekan de Sousa

A hermenêutica bíblica pentecostal de Gunnar Vingren na obra “O Tabernáculo e suas Lições” / Matheus Linnekan de Sousa Nascimento. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.

vi, 74 f. ; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.

Referências bibliográficas: f. 70-74

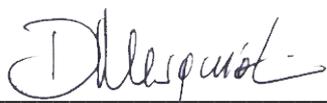
1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Hermenêutica pentecostal. 4. Hermenêutica. 5. Pentecostalismo. 6. Obra de Gunnar Vingren. - Tese. I. Matheus Linnekan de Sousa Nascimento. II. Faculdade Unida de Vitória, 2023. III. Título.

MATHEUS LINNEKAN DE SOUSA NASCIMENTO

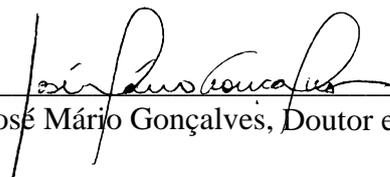
A HERMENÊUTICA BÍBLICA PENTECOSTAL DE GUNNAR VINGREN NA OBRA “O  
TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES”

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Dissertação de Mestrado Profissional como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade  
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação  
em Ciências das Religiões. Área de  
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de  
Atuação: Religião e Espaço Público.

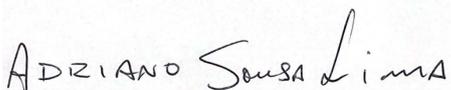
Data: 04 mai. 2023.



David Mesquiati de Oliveira, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).



José Mário Gonçalves, Doutor em História, UNIDA.



Adriano Sousa Lima, Doutor em Teologia, FABAPAR.

## AGRADECIMENTOS

Ao Criador, sou grato por me inspirar, me capacitar e me dar condições de realizar. Que este projeto comece em Ti, se desenvolva em Ti e termine em Ti. Eu me satisfaço em simplesmente ser o canal por onde o Senhor perpassa, mas que a honra, a glória e o louvor sejam entoados à Ti.

À Sara, esposa amada, companheira que compreendeu o propósito, abraçou a ideia e que enfrentou o processo. Sinceramente, espero que isso tudo tenha valido a pena, e se um dia eu for recompensado, desejo que estejas perto para usufruir do propósito, na mesma proporção que suportou comigo o processo. O amor é isso.

À Sandra, mãe guerreira/valente, que foi minha primeira incentivadora, que acreditou em mim antes de todos, até quando eu mesmo não acreditava. Não foi somente apoiadora, mas foi também braço forte, que segurou a barra nos momentos em que as circunstâncias mais apertaram. Sem a ajuda da senhora eu não teria alcançado, então essa conquista também é para a senhora.

Ao Prof. Dr. Kenner Terra, pastor amigo, participante de grande parte do período em que se realizou essa pesquisa. Contribuinte no conhecimento, na crítica, na sua perspectiva peculiar e erudição acadêmica.

Ao Prof. Dr. David Mesquiati, que me acompanhou em reta final, exímio orientador, que não mede esforços para ajudar. Erudito acadêmico, homem íntegro, pastor pentecostal. Modelo ao qual pretendo seguir.

Ao Prof. Dr. Adriano Lima, professor amigo, amizade que nasceu na Graduação em Teologia e a qual desejo levar para toda a vida. Obrigado por me incentivar a prosseguir, a caminhada é árdua, mas você enxergou algo em mim.

À FAPES, instituição ímpar, que acredita na pesquisa, na inovação e no ensino. Grato à bolsa concedida e a confiança exercida em meu projeto, ao qual não seria possível se concretizar sem a presença fiadora de vocês por trás da minha dedicação exclusiva à pesquisa realizada.



“Portanto, ao Rei eterno, imortal, invisível,  
Deus único, sejam honra e glória pelos  
séculos dos séculos. Amém!”

1 Timóteo 1:17

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo em analisar a seguinte obra: “O Tabernáculo e suas lições”, cuja a autoria pertence à Gunnar Vingren, importante personagem histórico do movimento pentecostal brasileiro, para identificar e classificar a interpretação bíblica do autor e a qual período histórico da hermenêutica pentecostal ela se refere. A pesquisa dará espaço à história da hermenêutica pentecostal e apresentar-se-á como os pentecostais interpretaram a Bíblia desde o início do movimento até a contemporaneidade. Em conexão com a história da interpretação, a pesquisa relaciona o período em que os pioneiros do pentecostalismo chegaram em solo brasileiro e a história de como eles se multiplicaram, se tornando rapidamente, a maioria entre os evangélicos no país. Na tentativa de entender como esses pentecostais interpretam a Bíblia e enxergam o mundo, fez-se necessário compreender a origem da interpretação bíblica do pioneiro do pentecostalismo brasileiro em uma rara obra de sua autoria própria. Com isso, a pesquisa resultou em classificar a interpretação bíblica de Gunnar Vingren ao período pré-moderno da hermenêutica pentecostal, onde tais faziam uma leitura mais literal da Bíblia, não muito preocupados com métodos interpretativos e acreditavam que toda experiência descrita no livro era para os dias atuais.

Palavras-chave: Hermenêutica pentecostal, Gunnar Vingren, pentecostalismo brasileiro.



## ABSTRACT

*The present work aims to analyze the following work: "The Tabernacle and Its Lessons", whose authorship belongs to Gunnar Vingren, an important historical figure of the Brazilian Pentecostal movement, to identify and classify the author's biblical interpretation and to which historical period of Pentecostal hermeneutics it refers. The research will give space to the history of Pentecostal hermeneutics and will present how Pentecostals interpreted the Bible from the beginning of the movement to the present day. In connection with the history of interpretation, the research relates the period in which the pioneers of Pentecostalism arrived on Brazilian soil and the story of how they multiplied, quickly becoming the majority among evangelicals in the country. In an attempt to understand how these Pentecostals interpret the Bible and see the world, it was necessary to understand the origin of the biblical interpretation of the pioneer of Brazilian Pentecostalism in a rare work of his own authorship. With this, the research resulted in classifying Gunnar Vingren's biblical interpretation to the pre-modern period of Pentecostal hermeneutics, where such people made a more literal reading of the Bible, not very concerned with interpretive methods and believed that every experience described in the book was for the current days.*

**Keywords:** *Pentecostal hermeneutics, Gunnar Vingren, Brazilian Pentecostalism.*



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 9  |
| 1 O PROCESSO HERMENÊUTICO NA HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO .....  | 12 |
| 1.1 O que é hermenêutica? .....   | 12 |
| 1.2 História da hermenêutica pentecostal .....  | 19 |
| 1.2.1 Hermenêutica pentecostal pragmática .....   | 21 |
| 1.2.2 Hermenêutica pentecostal acadêmica .....  | 26 |
| 1.2.3 Hermenêutica pentecostal contextual .....   | 30 |
| 2 GUNNAR VINGREN E O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO .....   | 33 |
| 2.1 Quem foi Gunnar Vingren? .....  | 33 |
| 2.2 A história do pentecostalismo e as contribuições de Gunnar Vingren para o movimento pentecostal ..... | 38 |
| 3 A HERMENÊUTICA DE GUNNAR VINGREN EM SUA MONOGRAFIA: O TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES .....                   | 55 |
| 3.1 As principais ideias defendidas por Gunnar Vingren .....  | 55 |
| 3.2 A relação entre a hermenêutica pentecostal e os ideais de Gunnar Vingren .....                        | 62 |
| CONCLUSÃO.....  | 70 |
| REFERÊNCIAS .....   | 72 |

## INTRODUÇÃO

O pentecostalismo é um movimento plural, perpassado por uma diversidade de ideias e comportamentos teológicos e litúrgicos.<sup>1</sup> O movimento pentecostal moderno surgiu no final do século XIX e início do XX, desenvolvendo-se rapidamente, em muitas ramificações, acarretando distintas maneiras de ler e interpretar o texto bíblico. Nesse sentido, a hermenêutica pentecostal é entendida como a interpretação prática que os pentecostais possuem da leitura da Bíblia e a interpretação desta a partir de seus pressupostos. O que todas as fases da hermenêutica pentecostal têm em comum é a centralidade da experiência religiosa a partir do êxtase, valorizando as narrativas de milagres, as expressões de intervenção do Espírito Santo e os indícios de sobrenaturalização nos textos bíblicos.<sup>2</sup>

Em decorrência de sua longa evolução histórica, a hermenêutica pentecostal é dividida em etapas ou fases, cada uma apresentando características próprias e peculiaridades, de acordo com o contexto vivenciado pelos seguidores do movimento pentecostal. As fases são: hermenêutica pentecostal pragmática, hermenêutica pentecostal acadêmica e hermenêutica pentecostal contextual. Essas fases da hermenêutica pentecostal encontram-se diretamente relacionadas com as próprias fases do pentecostalismo.

No Brasil, é possível atribuir o início do movimento pentecostal à chegada de Gunnar Vingren e Daniel Berg ao país, em 1910, os quais passaram a defender e difundir o movimento por todo o país, com a criação das Assembleias de Deus (AD). Esses pentecostais eram contemporâneos do movimento nos Estados Unidos, inclusive mantiveram contato com um dos grandes nomes do pentecostalismo estadunidense, William H. Durham, da Igreja Batista de Chicago.

Diante disso, o presente estudo busca responder ao seguinte questionamento de pesquisa: qual a relação entre a interpretação bíblica dos pentecostais com a hermenêutica defendida por Gunnar Vingren? O objetivo geral é compreender os motivos que levam os pentecostais a interpretar a Bíblia da maneira como interpretam, buscando relacionar essa interpretação com as ideias defendidas por Gunnar Vingren. Pretende-se, nesse sentido, identificar as relações existente entre as ideias defendidas e pregadas por Gunnar Vingren e a prática profissional do pastor pentecostal moderno, buscando elementos que permitem

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 14.

<sup>2</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 22.

aduzir a influência das ideias de Vingren na pregação e no ensino dos pastores assembleianos, de sobremodo que, possa se efetuar críticas ponderadas a respeito dessa hermenêutica, dessa maneira de ler e interpretar o texto bíblico e o mundo.

Será necessário apresentar a história da interpretação bíblica pentecostal, cujas experiências extáticas servem como lugar de reconhecimento da experiência do texto, determinando a sua visão de mundo e a sua perspectiva teológica.<sup>3</sup> A metodologia da pesquisa é bibliográfica e documental, a fim de realizar um levantamento das principais obras que tratam sobre o tema em questão, além de realizar um estudo dos próprios escritos de Vingren. Para a busca e seleção dos materiais pertinentes, foram utilizadas as bases de dados Google Acadêmico e Scielo, com base nas seguintes palavras-chave: hermenêutica; hermenêutica pentecostal; Gunnar Vingren; movimento pentecostal; pentecostalismo brasileiro.

O presente estudo encontra-se dividido em três capítulos, cada um com suas subdivisões. Inicialmente, o primeiro capítulo dedica-se ao estudo da hermenêutica pentecostal. Assim, busca-se, em um primeiro momento, entender o conceito de hermenêutica e sua diferença da exegese. Para tanto, serão utilizadas as obras de Kenner Terra, Robert Graves, Anthony Thiselton, Klein, Blomberg e Hubbard Junior. Posteriormente, realiza-se um estudo a respeito das três fases da hermenêutica pentecostal: pragmática, acadêmica e contextual. Foram utilizados os estudos de Kenner Terra e David Oliveira, Gutierrez Siqueira, Roger Stronstad e Carl Brumback para embasar teoricamente o referido tópico.

O segundo capítulo analisa o movimento pentecostal brasileiro e a história de Gunnar Vingren, de maneira a identificar as contribuições do sueco para o pentecostalismo brasileiro, de acordo com a sua trajetória no movimento. O primeiro tópico do capítulo realiza uma análise de Gunnar Vingren, baseado no livro *O Diário do Pioneiro Gunnar Vingren*, escrito por seu filho, Ivar Vingren, o qual reuniu as anotações e memórias de seu pai. A biografia de Gunnar Vingren, na versão original em sueco, *Pionjârens Dagbok. Gunnar Vingrens minnesanteckningar* foi publicada em 1968 na Suécia, e no Brasil, como título de *Diário de um pioneiro*, foi publicada no ano de 1971, quando as Assembleias de Deus já celebravam seu cinquentenário. Utiliza-se como referencial teórico os estudos de Gedeon de Alencar e Isael de Araújo. Ainda nesse capítulo, estuda-se a história do movimento pentecostal e as contribuições de Vingren para esse movimento, notadamente

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 13.

para o pentecostalismo brasileiro, a partir de Tiago de Cordova, Leonildo Campos, Francisco Rolim e Alexandre de Souza.

Por fim, o terceiro capítulo tece considerações a respeito das principais ideias defendidas por Gunnar Vingren em seus estudos e escritos, de maneira a analisar em qual fase da hermenêutica pentecostal podemos enquadrar sua obra, considerando as peculiaridades deste, além das características de cada fase, estudadas no primeiro capítulo.



## 1 O PROCESSO HERMENÊUTICO NA HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO

No presente capítulo, realiza-se um estudo sobre a hermenêutica pentecostal, de maneira a compreender a sua definição e a sua evolução histórica. Para tanto, o capítulo encontra-se dividido em três partes, para a melhor compreensão do tema que se propõe a analisar. Inicialmente, faz-se um estudo a respeito conceito de hermenêutica, a fim de expor as suas peculiaridades, características e aplicações, diferenciando-a de termos que muitas vezes são empregados como sinônimo. Após a conceituação do termo, o segundo tópico do capítulo buscou compreender o que é a hermenêutica pentecostal, realizando uma análise de suas características de acordo com as diferentes fases históricas pelas quais passou. Assim, analisa-se essas fases, ressaltando as suas características, ideias, principais pensadores e teorias defendidas.

### 1.1 O que é hermenêutica?

De raiz etimológica grega – *hermeneutiké* –, a palavra grega *hermeios*, o verbo *hermeneuein* e o substantivo *hermeneia*, são vinculados ao deus Hermes, que segundo a mitologia grega, foi o descobridor da linguagem e da escrita: ferramentas de compreensão humana utilizadas para chegar ao significado das coisas e transmiti-lo aos outros<sup>4</sup>. Emprestado à nossa língua pelo latim *hermeneutica*, é modernamente tida como “uma teoria ou filosofia da interpretação, capaz de tornar compreensível o objeto de estudo mais do que sua simples aparência ou superficialidade”<sup>5</sup>.

Nesse sentido, a hermenêutica pode ser compreendida como um conjunto teórico, no sentido de estabelecer parâmetros para a investigação do processo que se realiza entre o pensado e o enunciado. Complementa tal entendimento da hermenêutica o modo como o enunciado é pensado por aquele que apreende aquilo que foi dito e/ou escrito. Para viabilizar os estudos da hermenêutica é que se utiliza a interpretação. Portanto, no limite de uma explicação, pode-se dizer que a hermenêutica advém do verbo *hermeneuein*, cujo significado é interpretar, estando preocupada com princípios, limites e pressupostos da interpretação.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 24.

<sup>5</sup> INTERSABERES (org.). *Fundamentos sobre a comunicação religiosa*. Curitiba: InterSaberes, 2016, p. 178.

<sup>6</sup> TERRA, Kenner. O ato de interpretar: “a hermenêutica nossa de cada dia”. In: SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020a, p. 30.

A hermenêutica apresenta-se como de suma relevância, em decorrência da própria importância da interpretação, a qual é considerada uma exigência básica da vida de todo indivíduo, uma vez que não é possível fugir do ato de interpretação que o mundo impõe cotidianamente: interpretar é uma atividade automática, inevitável e essencial.<sup>7</sup>

Na mitologia grega, Hermes (Mercúrio)<sup>8</sup> é filho de Zeus com Maia, filha de Atlas, que o pariu numa caverna do monte Cilene, na Arcádia.<sup>9</sup> Hermes tinha um irmão chamado Apolo, o qual guardava um excelente rebanho de vacas, até Hermes decidir roubá-lo. Após a descoberta do roubo, Apolo decide conduzir Hermes ao Olimpo para ser julgado por Zeus. Relutante por não aceitar que seu filho recém-nascido fosse um ladrão, tentou inocentá-lo, mas Apolo não estava disposto a ceder. Hermes fraqueja e confessa o ato, e faz uma proposta, oferece a décima segunda parte do sacrifício de duas vacas à divindade de Apolo, que fica lisonjeado e perdoa o irmão. Ao ver aquela cena no Olimpo, Zeus diz à Hermes:

— Você me parece um pequeno deus muito eloquente, engenhoso e persuasivo — disse ele. — Então, faça de mim seu mensageiro, Pai — respondeu Hermes —, e zelarei pela segurança de todas as propriedades divinas. E jamais contarei mentiras, embora não me comprometa a dizer sempre a verdade absoluta. — Tampouco esperaria isso de você — disse Zeus, sorrindo. — Mas terá de fechar contratos, promover o comércio e assegurar a liberdade de movimento dos viajantes por todas as estradas do mundo. No momento em que Hermes aceitou tais condições, Zeus deu-lhe um báculo de mensageiro com laços brancos para impor respeito, um chapéu redondo para protegê-lo da chuva e sandálias aladas douradas, que o transportariam com a velocidade do vento.<sup>10</sup>

A partir dessa narrativa mitológica, Aristóteles elabora o conceito de hermenêutica em sua obra *Perí Hermeneias*, geralmente traduzida como “Da Interpretação”. Conceito esse, que seria denominado como a ciência da interpretação, atributo associado ao deus Hermes, mensageiro, intérprete dos deuses, mediador entre as coisas divinas e humanas através da comunicação e pela linguagem.<sup>11</sup>

Nesse sentido, a hermenêutica, ao sustentar com seus fundamentos as técnicas ou áreas de interpretações, pode ser entendida como método, ou seja, como um conjunto teórico que, ao justificar a compreensão e a interpretação entre os interlocutores, exige os estudos dos contextos socioculturais em que esses interlocutores se encontram. Em razão de a hermenêutica tratar dos discursos tanto por aqueles que elaboram quanto pelos que

<sup>7</sup> TERRA, 2020a, p. 25.

<sup>8</sup> Na mitologia romana.

<sup>9</sup> GRAVES, Robert. *Os mitos gregos*: volumes 1 e 2. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p. 97.

<sup>10</sup> GRAVES, 2018, p. 113.

<sup>11</sup> PRATES, Admilson E.; PIMENTEL, Claudio S. *Hermenêutica dos Textos Sagrados*. Montes Claros: Unimontes, 2015, p. 13.

recepçõem o que é enunciado pelo discurso, é que, no limite das considerações, ela, hermenêutica, é uma disciplina filosófica<sup>12</sup>.

O ato de interpretar é uma exigência básica da vida humana, isso porque o mundo nos convida a todo o tempo a sua compreensão; mesmo que os indivíduos não percebam, não é possível fugir do tato de “ler” as mensagens da cultura e, por isso, a interpretação é inevitável, automática, sem a qual não é possível viver e nos relacionar.<sup>13</sup> Sem nos delongarmos na mitologia, entende-se que hermenêutica significa literalmente “interpretar”, mas não somente isso, é também teoria da interpretação, avaliação do ato interpretativo, filosofia do sentido, disponibilização de novos horizontes da interpretação e crítica da aplicação e uso dos métodos.<sup>14</sup>

Tradicionalmente vinculada ao meio religioso, quase sempre a palavra hermenêutica apareceu acompanhada do adjetivo “bíblica”, Higuete explica a aplicabilidade da hermenêutica em três aspectos da religião: os símbolos religiosos, os mitos e a interpretação bíblica.<sup>15</sup> Dentro deste último aspecto, é importante ser esclarecido que a área da hermenêutica difere da área da exegese.

A palavra *exegese*, do grego *eksegesis*, tem como sentido extrair, interpretar, explicar, relatar.<sup>16</sup> A exegese diz respeito correta e necessariamente ao que os escritores bíblicos estavam dizendo em primeira mão aos seus ouvintes antigos.<sup>17</sup> Embora não possa negar a interligação entre a exegese e a hermenêutica, ambas têm sua razão de existir. Segundo Wegner, a hermenêutica refere-se aos princípios de interpretação dos textos religiosos; e a exegese, à metodologia empregada para interpretar esses textos. Corresponderiam, respectivamente, à teoria e à prática na interpretação das escrituras religiosas.<sup>18</sup>

Tornou-se frequente afirmar que a exegese é o ato de compreender o texto no passado, o que ele disse e de que maneira ele disse para os seus primeiros ouvintes, diferenciando-se da hermenêutica por esta ser a aplicação para a realidade atual do leitor. Entretanto, essa diferenciação simplista não é capaz de descrever com precisão o que seriam

---

<sup>12</sup> IAMUNDO, Eduardo. *Hermenêutica*. São Paulo: Saraiva, 2017.

<sup>13</sup> TERRA, 2020a, p. 25.

<sup>14</sup> TERRA, 2020a, p. 31.

<sup>15</sup> HIGUETE, Etienne A. *Hermenêutica da religião*. In: PASSOS, João D.; USARKI, Frank (org.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, p. 457-468.

<sup>16</sup> INTERSABERES, 2016, p. 180.

<sup>17</sup> KEENER, Craig S. *O Espírito e a Interpretação Bíblica*. In: SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 297.

<sup>18</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Paulus, 1998, p. 11.

essas ciências tão comuns às pesquisas bíblicas. Por esse motivo, diz-se que a hermenêutica é a ciência que tem foco nas regras, refletindo sobre os métodos e avaliando os pressupostos do ato de interpretação; como disciplina, ela observa e critica as ações da compreensão desse texto. A exegese, por sua vez, é caracterizada pela preocupação com o acesso científico-descritivo ao texto, partindo para a parte prática do trabalho de interpretação, uma vez que busca descobrir o sentido em seu próprio contexto, utilizando, para isso, de inúmeros procedimentos metodológicos ao longo do tempo.<sup>19</sup>

A Bíblia, como fonte de instrumento de compreensão da realidade e fé, também deve sofrer a atividade de interpretação. Essa interpretação da Escritura é uma prática que possui diferentes sujeitos, tempos e espaços de localização, sendo que a mesma Bíblia, uma vez interpretada, pode acarretar vida ou morte, condenação ou salvação, libertação ou claustro da consciência, fé saudável ou adoecida.<sup>20</sup>

A passagem outrora citada pelo autor Kenner Terra é essencial para compreendermos que a arte de interpretar pode variar de acordo com inúmeros fatores e, por esse motivo, um mesmo documento ou escrito, quando interpretado por pessoas diversas, que se encontram em situações e contextos diferentes, pode ensejar inúmeras interpretações, inclusive em polos completamente opostos. Por esse motivo, a hermenêutica é imprescindível para fornecer elementos para que a interpretação seja realizada de forma adequada, buscando o sentido real do texto.

Há exemplos de interpretação na Bíblia. Em Atos 8:26-40, tem-se o etíope tentando interpretar Isaías 53. A problemática posta não era decodificar os sinais gráficos – letras e palavras – mas sim, saber o seu sentido e significação, bem como a relevância para a vida e para os indivíduos a que faziam referência.<sup>21</sup>

Fora do campo religioso, Anthony Thiselton traz uma nova compreensão de hermenêutica que explora “como lemos, entendemos e lidamos com textos, especialmente aqueles escritos em outra época ou em um contexto de vida diferente do nosso”<sup>22</sup>. Para Thiselton, a hermenêutica no período dos Pais da Igreja e da Reforma Protestante até o início do século XIX, foi basicamente definida como regras para a interpretação das Escrituras. Entre muitos escritores, embora não todos, a hermenêutica foi quase equivalente à exegese, ou pelo menos às regras para fazer exegese de uma forma responsável. Somente

<sup>19</sup> TERRA, 2020a, p. 30-31.

<sup>20</sup> TERRA, 2020a, p. 26.

<sup>21</sup> TERRA, 2020a, p. 26.

<sup>22</sup> THISELTON, Anthony. *Hermeneutics: an introduction*. Grand Rapids, Michigan; Cambridge: William B. Eerdmans, 2009, p. 10.

no século XIX com Schleiermacher e especialmente no final do século XX com Hans-Georg Gadamer surgiu a noção de que a hermenêutica era “mais uma arte do que uma ciência”<sup>23</sup>, enquanto para Klein, Blomberg e Hubbard Jr., ela é tanto uma arte como uma ciência.<sup>24</sup>

Dado esses levantamentos importantes, Thiselton prossegue em sua obra *Hermeneutics: an introduction*, a construção histórica do pensamento moderno sobre o conceito de hermenêutica:

A partir do início do século XIX, notavelmente seguindo o trabalho de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), a hermenêutica envolveu mais de uma questão acadêmica: (1) A hermenêutica bíblica levanta questões bíblicas e teológicas. (2) Isso levanta questões filosóficas sobre como compreendemos as coisas e a base sobre a qual a compreensão é possível. (3) Isso envolve questões literárias sobre tipos de textos e processos de leitura. (4) Inclui questões sociais, críticas ou sociológicas sobre como interesses adquiridos, às vezes de classe, raça, gênero ou anteriores crença, podem influenciar a forma como lemos. (5) Baseia-se em teorias de comunicação e, às vezes, linguística geral, porque explora todo o processo de comunicação de um conteúdo ou efeito para leitores ou para uma comunidade.<sup>25</sup>

Levando em consideração os pressupostos levantados por Anthony Thiselton, entendemos que no desenvolvimento do conceito hermenêutico, o termo se expandiu para além da compreensão da Bíblia e seus enredos. Através da contribuição de Schleiermacher no século XIX e especialmente no século XX com Hans-Georg Gadamer, os horizontes da hermenêutica se ampliaram para os campos filosóficos, sociológicos e comunitários, gerando assim, cada vez mais, pensamentos hermenêuticos que perceberam a subjetividade, construída através de sua própria realidade. Como diz Leonardo Boff: “todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão do mundo”<sup>26</sup>.

A hermenêutica moderna não é mais vista como uma simples interpretação, tendo em vista que vai além disso; está relativamente mais próxima de um conceito sobre cosmovisão. Engloba a interpretação como um de seus itens, mas em termos gerais, subsiste em três: 1) leitura; 2) interpretação; 3) prática. A partir disso, entendemos que cada indivíduo possui sua hermenêutica intersubjetiva, tendo em vista que este sujeito que interpreta está em uma rede de sentido. Quem interpreta, sempre interpretará de algum

<sup>23</sup> THISELTON, 2009, p. 11.

<sup>24</sup> KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR., Robert L. *Introdução à interpretação bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 49.

<sup>25</sup> THISELTON, 2009, p. 10.

<sup>26</sup> BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 52. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 09.

lugar, e sempre serão informados por alguma comunidade. Os hermenutas e as interpretações sempre são relativizados.<sup>27</sup>

Isso porque, com o advento do pós-modernismo, o método histórico-gramatical tem sido questionado e criticado, principalmente a respeito da conveniência de seu emprego no contexto evangélico pentecostal. Alguns acadêmicos pentecostais em diálogo com o pensamento desta época, vêm produzindo, no âmbito da hermenêutica bíblica contemporânea, inovações dos elementos da linguística, com a finalidade de propor uma hermenêutica pentecostal.<sup>28</sup>

Para Siqueira, a hermenêutica pretende alcançar a compreensão a respeito do meio e a mensagem, bem como entender de que maneira o meio influencia a própria mensagem. Cada grupo tem uma hermenêutica própria porque cada tradição tem preocupações e necessidades bem peculiares. Com isso, é possível falar em uma hermenêutica pentecostal, luterana, católica, reformada, fundamentalista, neo-ortodoxa, conservadora, liberal etc.<sup>29</sup>

Segundo Grant Osborne:

Cada comunidade fornece suas tradições que, por sua vez, orientam o leitor na compreensão de um texto. São elas que produzem o significado. Esse ‘significado’ não é o mesmo para todas as comunidades, de modo que, na realidade, qualquer passagem pode ter múltiplos significados, e cada um deles é válido para uma determinada perspectiva de leitura ou comunidade.<sup>30</sup>

Dentre as diversas hermenêuticas de comunidades, destacam-se as interpretações de alguns grupos de interesse, como: a hermenêutica da libertação, a crítica cultural, a hermenêutica feminista, a hermenêutica LGBTQIP+, entre outras.<sup>31</sup> Em cada hermenêutica particular de um grupo de interesse há uma releitura da Bíblia seguindo as suas próprias convicções.

Para a hermenêutica da libertação, Deus tem uma “opção preferencial pelos pobres”<sup>32</sup>. Para a crítica cultural, o destaque está na leitura da Bíblia com os olhos daquele

<sup>27</sup> ARCHER, Kenneth J. Hermenêutica pentecostal: questões e desafios. In: SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 320.

<sup>28</sup> COSTA, Flávio Bessa da. Hermenêutica e cosmovisão pentecostal: postulador e possibilidades de análises. *Revista Científica Eletrônica da Faculdade de Piraçanjuba*, Piraçanjuba, v. 2, n. 3, p. 77-89, 2022, p. 78.

<sup>29</sup> SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. A hermenêutica pentecostal contemporânea: conceituações e desafios. In: SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 46.

<sup>30</sup> OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 29.

<sup>31</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR., 2017, p. 179.

<sup>32</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR., 2017, p. 180.

que são criados em culturas tradicionalmente marginais<sup>33</sup>. Para a hermenêutica feminista, o Novo Testamento promove a igualdade total dos sexos e não define nenhum papel fixo para marido e mulher ou sexo masculino ou feminino.<sup>34</sup> Para a hermenêutica LGBT<sup>35</sup>, sua doutrina e sua ética segue os contornos históricos evangélicos, com a exceção do entendimento sobre as principais passagens bíblicas sobre o comportamento homossexual.<sup>36</sup>

Nesse sentido, na história da Igreja, desenvolveram-se inúmeras formas de ler a Bíblia, sendo que a história da Igreja é marcada exatamente pela maneira com a qual a Bíblia foi lida. Desde os rabinos até os mais recentes recursos metodológicos aplicados aos textos bíblicos, é possível visualizar diversos caminhos de interpretação. A hermenêutica pentecostal fez parte dessa história, surgindo como uma possibilidade de leitura não somente de Lucas-Atos, mas de todos os textos bíblicos. A experiência do batismo com o Espírito Santo e a presença dos dons colocam o pentecostalismo na história da interpretação bíblica porque sua forma de leitura das Escrituras aponta para novos rumos hermenêuticos, bem como uma ruptura com perspectivas racionalistas.<sup>37</sup>

A tradição teológica pentecostal atribui à experiência um lugar central. A hermenêutica pentecostal, nesse sentido, abrange a discussão das questões mais básicas da fé cristã e as metodologias teológicas, dando prioridade ao saber intuitivo, performático, poético, pneumático, extático, ou seja, experiencial. A forma dos pentecostais interpretarem a Bíblia rompe com o paradigma racionalista do sujeito moderno que reduziu o saber a um caminho de verificação científico-tecnocêntrico.<sup>38</sup>

A importância de se estudar as diversas fases da hermenêutica pentecostal se dá uma vez que se costuma afirmar que a leitura bíblica pentecostal sempre usou o método histórico-gramatical desenvolvido na tradição reformada. A hermenêutica pentecostal que aplica o método histórico-gramatical é caracterizada pela importância ao carisma, dom de línguas estranhas, formado por Igrejas como Igreja de Deus de Cleveland.<sup>39</sup>

Entretanto, esquece-se da significativa influência que as ferramentas do método histórico-crítico exerceram na hermenêutica pentecostal no tempo em que o movimento se expandiu e seus principais representantes acadêmicos entraram em diálogo com os demais

<sup>33</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR., 2017, p. 185.

<sup>34</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR., 2017, p. 193.

<sup>35</sup> Geralmente se aumenta a sigla para LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queers). Às vezes também se acrescenta IA ou IA+ para intersexuais, assexuados e outros mais.

<sup>36</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR., 2017, p. 199.

<sup>37</sup> TERRA, 2020a, p. 26-29.

<sup>38</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 12.

<sup>39</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 16.

evangélicos norte-americanos, os quais adaptaram os trabalhos da crítica bíblica às suas leituras.<sup>40</sup>

Dessa maneira, o estudo de cada uma das fases da hermenêutica pentecostal, com a exposição das suas características próprias e peculiaridades, permite concluir que os pentecostais, embora possuam aspectos comuns que perpassam todas as fases, não interpretaram a Bíblia de uma única forma durante o desenvolvimento do movimento pentecostal. Há certas diferenças e evoluções da hermenêutica pentecostal, o que permite que sejam divididas em fases.

É praticamente impossível dissociar os seres humanos de seus pressupostos, é por causa de suas experiências que as leituras surgem e as interpretações relativas ganham lugar na leitura bíblica. São assim com todos os movimentos sociais que leem a Bíblia de acordo com seu lugar e sua realidade. Tendo apresentado o conceito geral de hermenêutica e sua construção moderna, será aprofundado a hermenêutica pentecostal na história e a formação da hermenêutica do movimento social de maior sucesso do século passado, o Pentecostalismo.

## 1.2 História da hermenêutica pentecostal

Como outrora exposto, a história da Igreja é marcada pela forma como a Bíblia foi lida, desde os primórdios até os mais recentes recursos metodológicos aplicados às Escrituras. A hermenêutica pentecostal fez parte dessa história, surgindo como uma possibilidade de leitura de todos os textos bíblicos.

O pentecostalismo como movimento social nasceu no alvorecer do século XX, em 01 de janeiro de 1901, na cidade de Topeka, Kansas, nos Estados Unidos. As manifestações oficialmente consideradas pentecostais aconteceram na Escola Bíblica Betel, na cidade de Topeka, Kansas no ano de 1901, quando o diretor da escola, Charles Fox Parham (1873-1929), iniciou uma série de reuniões de oração com seus alunos para buscarem uma segunda bênção, que seria o batismo como Espírito Santo que, segundo ele, somente poderia ser evidenciado por meio do “falar em línguas estranhas”. Foi nesse contexto que, nos primeiros dias de janeiro de 1901, o “fogo do Espírito” caiu sobre aquele grupo de pessoas. Os alunos passaram então a espalhar aquela novidade de vida às cidades e estados vizinhos.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> TERRA, 2020a, p. 69.

<sup>41</sup> CAMPOS, 1995, p. 25.

A eclosão do movimento pentecostal nos Estados Unidos da América, de onde se disseminou para o mundo, deu-se entre a população negra; em praticamente todos os lugares, as igrejas pentecostais iniciaram suas comunidades eclesiais entre as populações de baixa renda<sup>42</sup>. E como toda comunidade, o pentecostalismo manifesta sua existência por meio da manifestação de interesses particulares, criação de sentido e estilo prático de vida de seus membros comunitários. Logo, o movimento pentecostal como um órgão social independente, tem suas características peculiares que o distingue dentre tantos outros movimentos cristãos presentes pelo mundo.

A hermenêutica pentecostal é a interpretação prática que os pentecostais possuem após lerem a Bíblia e a interpretar a partir dos seus pressupostos, que geralmente se caracterizam por suas experiências. De acordo com Siqueira, é “um modo de pensar o problema da interpretação, do conhecimento e da comunicação em nossas comunidades”<sup>43</sup>.

Ao desenvolver o conceito de hermenêutica pentecostal, não se está falando propriamente de ferramentas instrumentais de interpretação bíblica, como técnicas de exegese das línguas originais, a análise histórica, a literatura comparada e a filologia. O foco da hermenêutica é compreender a própria arte da interpretação no contexto da tradição carismática.<sup>44</sup>

Diante disso, é possível afirmar que a hermenêutica pentecostal se apresenta como uma maneira de pensar o problema da interpretação, do conhecimento e da comunicação em nossas comunidades. Deve-se ter em vista que, ao estudar a hermenêutica específica de determinada comunidade literária, busca-se seus pressupostos básicos.<sup>45</sup>

A história dessa hermenêutica pentecostal distinta entre as demais hermenêuticas da tradição cristã, divide-se em três etapas: 1) hermenêutica pentecostal pré-moderna (1900-1940); 2) hermenêutica pentecostal moderna (1940-1990); 3) hermenêutica pentecostal pós-moderna (1990 até o presente). Embora historicamente o movimento pentecostal esteja inserido na Modernidade, sua perspectiva sobrenatural é uma oposição direta ao modernismo e à visão de mundo naturalista do cristianismo cessacionista.<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> SOUZA, 2004, p. 18.

<sup>43</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 43.

<sup>44</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 45.

<sup>45</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 42-43.

<sup>46</sup> OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. Êxtase como lócus hermenêutico na Experiência Religiosa dos Pentecostalismos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 11, n. 31, p. 65-86, 2018.

### 1.2.1 Hermenêutica pentecostal pragmática

Antes de adentrar no estudo da fase pragmática propriamente dita, é necessário compreender as bases da hermenêutica pentecostal. De acordo com Siqueira, é possível apontar seis desses aspectos. Primeiramente, aduz o autor que a hermenêutica pentecostal é marcada pelo conceito sólido da Bíblia como Palavra de Deus, desde os primórdios da fé pentecostal; os pentecostais sempre creram em Deus como Aquele que intervém e se revela, sendo que qualquer tentativa de constituir uma hermenêutica pentecostal que conteste a autoridade da Bíblia e sua infalibilidade deixou a marca do pentecostalismo.<sup>47</sup>

Ainda, Gutierrez Siqueira afirma que o segundo aspecto da hermenêutica pentecostal é que esta é consciente da experiência e também é marcada por ela. Os pentecostais estão cientes de que apenas movimentos sectários e tresloucados fazem da experiência de um líder carismático ou de um mito esotérico a fonte máxima de revelação. Ainda, o terceiro aspecto é que essa hermenêutica usa os *insights* da crítica da redação sem desacreditar a unidade das Escrituras. O uso moderado da crítica da redação não é incompatível com o método histórico-gramatical.<sup>48</sup>

O quarto item é que a hermenêutica pentecostal é marcada pela narrativa. Isso porque a Bíblia é uma grande narrativa, carregada de teologia, tendo em vista que os autores das Escrituras, inspirados pelo Espírito Santo, normalmente empregavam narrativas mesmo em porções epistolares. O quinto, é que a hermenêutica pentecostal não despreza a tradição, ou seja, não abraça o “esnobismo cronológico”, e nem se vê como revolucionária; ela busca fundamentação escriturística e, simultaneamente, procura honrar a rica história carismática do cristianismo.<sup>49</sup>

Por fim, o sexto e último aspecto da hermenêutica pentecostal, de acordo com os estudos de Gutierrez Siqueira, é que essa hermenêutica deve culminar em doxologia. Isso porque, se os estudos da Bíblia não acarretarem uma paixão mais intensa por Deus, tudo será em vão e, por isso, a finalidade central da hermenêutica não é a interpretação em si, mas sim a comunhão com Deus por meio das letras sagradas.<sup>50</sup>

Dessa maneira, após citar e analisar os seis aspectos da hermenêutica pentecostal, passa-se ao estudo da hermenêutica pragmática. Opta-se pela definição de Roger Stronstad,

---

<sup>47</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 45.

<sup>48</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 46-47.

<sup>49</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 50.

<sup>50</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 50.

que chama de “hermenêutica pragmática”<sup>51</sup> a leitura bíblica que faziam os primeiros pentecostais. É o período que Kenneth Archer define como “inicial pré-crítico (de 1900 aos anos 1940)”<sup>52</sup>, Louis William Oliverio Jr. chama-a de “original clássica”<sup>53</sup> e o teólogo pentecostal coreano Chang-Soung Lee, classifica-a historicamente como “hermenêutica pentecostal pré-moderna, pré crítica ou continuísta”.<sup>54</sup>

O movimento pentecostal não tem início somente com uma experiência, mas com um estudo teológico da Bíblia, portanto, a hermenêutica bíblica é muito importante para o movimento e para a teologia pentecostal. Nesse início, não se encontra uma preocupação com discussões teóricas; sendo que havia um vácuo analítico até as primeiras abordagens acadêmicas. O movimento pentecostal inaugurado por Charles Parham, foi o clímax de outros reavivamentos anteriores, principalmente entre os movimentos de santidade, e não representa o único reconhecimento do valor da experiência, mas uma nova compreensão bíblica em relação a isso.<sup>55</sup>

Nesse sentido, essa fase da hermenêutica pentecostal ficou caracterizada por focar nos “institutos bíblicos”, com a finalidade de preparar obreiros para as igrejas que se multiplicam de maneira célere. Nesse período, a leitura bíblica é canalizada na sua praticidade, com vistas a fornecer aos membros das igrejas, uma relação com o texto bíblico que pudesse contemplar as questões que envolvem as comunidades, principalmente nas periferias das grandes cidades do país.<sup>56</sup>

A interpretação de Parham, juntamente com movimentos anteriores a eles, fizeram com que as experiências no livro de Atos correspondessem às experiências dos leitores de hoje. Ele insistiu que as experiências modernas de falar em línguas acompanhadas com o Batismo do Espírito Santo na Escola Bíblica Betel eram do mesmo tipo como as experiências nos Atos. Em suas palavras:

Ao ver esta maravilhosa restauração do poder apostólico em nosso meio, todos ficaram com fome, desejando sinceramente uma realização pessoal do mesmo em nossas vidas. [...] O que estou tentando fazer é que vocês obtenham uma experiência que corresponda à Palavra de Deus... Tudo o que afirmamos é que se

<sup>51</sup> STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e teologia*. Natal: Carisma, 2020, p. 24.

<sup>52</sup> ARCHER, 2020, p. 327.

<sup>53</sup> OLIVERIO JR., Louis William. *Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition: A Typological Account*. Leiden: Brill, 2012, p. 11.

<sup>54</sup> LEE, Chang-Soung. A History and an Evaluation of Pentecostal Biblical Hermeneutic. *Journal of Youngsan Theology*, v. 36, 2016, p. 1.

<sup>55</sup> TERRA, Kenner. A história da hermenêutica pentecostal: origens e desenvolvimento (parte I). In: SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020b. p. 74.

<sup>56</sup> GONÇALVES, Alonso de Souza. Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1669-1674, 2019. p. 1669.

você conseguir o Batismo do Espírito Santo corresponderá à experiência no segundo capítulo do Atos.<sup>57</sup>

Após essa experiência, Parham colocou seus alunos para estudarem com dedicação para descobrirem quais eram as provas inquestionáveis do batismo do Espírito Santo, de modo que eles pudessem ir ao mundo com algo inquestionável, porque correspondia exatamente com a Bíblia.

Com os resultados dos estudos de Parham, Stronstad classifica as características que distinguem o movimento pentecostal, a saber:

A convicção de que a experiência contemporânea deve ser idêntica ao cristianismo apostólico;  
A distinção entre o batismo do Espírito Santo e a santificação (da mesma forma que os movimentos Holiness, anteriormente, o separaram da conversão e da habitação do Espírito Santo);  
O falar em línguas como evidência inquestionável ou prova do batismo no Espírito Santo.<sup>58</sup>

A interpretação que Parham fazia da Bíblia e de suas experiências narradas permitiu que o pentecostalismo fosse amparado na ideia de que hoje pode ocorrer a descida do Espírito literalmente de acordo com o que a Bíblia diz. Sua leitura literal criticou e rejeitou os métodos da Alta Crítica Moderna, combatendo a razão kantiana que insistia que a razão pura não poderia saber o sobrenatural. A alta crítica e a crítica histórica, degradou os milagres sobrenaturais e as experiências escritas na Bíblia para o não-histórico, porque todos os eventos ocorridos na história foram regidos pela causalidade<sup>59</sup>. Para Parham, a Alta Crítica Moderna foi um obstáculo entre a experiência na Bíblia e a experiência dos leitores hoje, tornando as duas experiências não-correspondentes.

Além disso, com relação a essa fase do pentecostalismo, Kenner Terra sintetiza suas ideias na seguinte passagem:

Diferentemente dos métodos modernos, a leitura pragmática no contexto desses primeiros anos do movimento, como explica Kenneth Archer, não se preocupava muito com o contexto histórico da Escritura e a intenção original do autor. Os primeiros pentecostais, e ainda hoje há essa apropriação, liam a Bíblia como Palavra de Deus compreendida sem mediação técnica, em uma apropriação direta. Por conseguinte, era mais evidente a fusão do horizonte do leitor e sua experiência sobre o texto porque se preocupava com sua aplicação no cotidiano a fim de resolver questões comuns e dar conta das experiências da comunidade incipiente. O sentido imediato caracterizava tanto a hermenêutica quanto os sermões nas primeiras décadas do pentecostalismo, os quais serviam como caminho de experiência direta para os seus ouvintes, sem a mediação de trabalhos exegéticos

<sup>57</sup> PARHAM, Charles F. "The Baptism of the Holy Ghost": Selected Sermons of the late Charles F. Parham, p. 66 *apud* LEE, 2016, p. 2.

<sup>58</sup> STRONSTAD, 2020, p. 26.

<sup>59</sup> LEE, 2016, p. 3.

das ferramentas da erudição bíblica. Ou seja, o modelo hermenêutico das primeiras décadas do movimento pentecostal era firmado não em uma epistemologia bem desenvolvida, mas estabelecido na experiência<sup>60</sup>.

Observa-se, nesse sentido, que na hermenêutica pragmática, não havia efetivamente uma preocupação com o contexto da escrita e as finalidades originais do autor, uma vez que nessa fase, os pentecostais liam e interpretavam a Bíblia em uma apropriação direta, sem mediação técnica. Parham não se desfez da razão, pelo contrário, usou a razão não iluminista para a sua própria hermenêutica bíblica. Embora fosse contrário à interpretação fundamentalista dos cessacionistas e à alta crítica dos liberais, ele também pregou, escreveu e fez doutrinas usando a racionalidade, mas não de iluminação kantiana.

Para concluir, a hermenêutica pentecostal pragmática herdada pelo pai do pentecostalismo era de interpretação literal da Bíblia, fé genuína na possibilidade da experiência, mais confiante na exposição bíblica do que na investigação e análise do texto. Era “populista” e “pragmática” como afirma Stronstad, transmitida pela tradição oral, se solidificou pelos concílios de igreja e passou a ser baluarte da apologética pentecostal e a coluna do pentecostalismo clássico.<sup>61</sup>

Outro importante representante dessa fase da hermenêutica pentecostal, Carl Brumback afirmou que a experiência de Pentecostes na Bíblia foi o arquétipo ou padrão de experiência pentecostal moderna. Ele se perguntou dizendo: “É o falar em línguas de hoje a mesma experiência dos primeiros discípulos?” – E então ele respondeu: “cremos que a experiência das 120 pessoas em Atos 2.4: ‘E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santos lhes concedia que falassem’, é o padrão escriturístico para os crentes de toda a era da igreja”.<sup>62</sup>

Carl Brumback definiu o movimento pentecostal como fundamentalista, e o motivo apresentado por ele foi que o pentecostalismo continuava a seguir as grandes doutrinas da Igreja: a infalibilidade das Escrituras, depravação do homem, divindade do Senhor Jesus Cristo, seu nascimento virginal, morte vicária, ressurreição literal, ascensão e segunda vinda, a realidade do céu e do inferno, etc.<sup>63</sup>

Para Lee, a afirmação de Brumback foi fruto da compreensão da hermenêutica pentecostal inicial em oposição ao modernismo. Primeiro interpretando a Bíblia e, em

---

<sup>60</sup> TERRA, 2020b, p. 72.

<sup>61</sup> STRONSTAD, 2020, p. 28.

<sup>62</sup> BRUMBACK, Carl. *Que quer isto dizer?* Uma resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960, p. 192.

<sup>63</sup> BRUMBACK, Carl. *The Origins of Modern Pentecostalism*. Cambridge University Press. 2014, p. 13-30.

seguida, extraindo um princípio, por fim, confirmando o princípio por meio de uma experiência. Era muito semelhante ao sistema hermenêutica fundamentalista.<sup>64</sup>

A análise de Brumback sobre o texto bíblico de Pentecostes se resumiu em dois aspectos:

- 1) Um que não pode ser repetido; 2) outro que pode ser repetido como um padrão para futuros crentes. Segundo ele, os aspectos repetíveis do Pentecostes são três: 1) a natureza pessoal do Batismo, uma comunicação direta entre Deus e o homem; 2) o propósito do Batismo, o revestimento de crentes com poder do alto; 3) a evidência do Batismo, falar em línguas.<sup>65</sup>

A hermenêutica de Carl Brumback tinha por seu pressuposto discorrer sobre a realidade histórica acerca dos registros das experiências sobrenaturais presentes na Bíblia. O objetivo de sua interpretação era reproduzir ou reviver tais experiências históricas da Bíblia, na vida dos leitores de hoje.<sup>66</sup> Ler a Bíblia literalmente foi um esforço para manter viva a historicidade da experiência bíblica, lutando para excluir ou superar por um lado a alta crítica moderna que negava a sobrenaturalidade, por outro lado o cessacionismo que limitava para um único período a presença da sobrenaturalidade.

A hermenêutica pentecostal pragmática, tanto a de Parham quanto a de Brumback, serviu como resistência contra a modernidade no ponto em que forneceu alternância para encontrar o sobrenatural. Os pentecostais de origem interpretaram as narrativas sobrenaturais da Bíblia como eventos que ocorreram de fato na história e comprovaram essa leitura por meio da experiência pessoal de cada crente.

Outra característica desse primeiro momento da hermenêutica pentecostal foi sua similaridade com a leitura bíblica dos movimentos de santidade, o “método de leitura bíblica” Suas estratégias interpretativas, menos preocupadas com sistematização do que viver a vida cristã, acarretaram a tradicional doutrina pentecostal: o batismo no Espírito Santo evidenciado pela glossolalia. O “método de leitura bíblica” tinha indícios indutivos e dedutivos, sendo que essa forma de leitura observava exaustivamente certas expressões e formulava uma verdade baseada na leitura desses textos.<sup>67</sup>

Buscando sintetizar as características da leitura bíblica pragmática, Terra lista os seguintes pontos:

1. A Escritura era tratada como Palavra de Deus inspirada, totalmente confiável.

<sup>64</sup> LEE, 2016, p. 6.

<sup>65</sup> BRUMBACK, 1960, p. 196-199 *apud* LEE, 2016, p. 6.

<sup>66</sup> LEE, 2016, p. 6.

<sup>67</sup> TERRA, 2020b, p. 73.

2. A leitura não reconhecia a distância histórica entre o texto e os leitores, o que gerava um sentido imediato e contextual.
3. A leitura literal era privilegiada; não havia muita preocupação com o contexto histórico do texto, e a Bíblia era compreendida à luz da aplicação do leitor.
4. A interpretação pentecostal era delineada e modelada pelo cristológico ‘evangelho completo’ (Jesus salva, santifica, cura, batiza com o Espírito Santo e breve voltará).
5. Não há uma discussão formal, teórica e epistemológica a respeito da teologia e da hermenêutica. Esse último ponto será o desafio do período posterior da história do movimento pentecostal.<sup>68</sup>

Dessa maneira, nota-se que a grande preocupação nos primeiros anos do movimento pentecostal foi a manifestação sobrenatural de Deus, notório no batismo e nos dons do Espírito entre os primeiros fiéis.<sup>69</sup>

Posteriormente, observa-se a fase da hermenêutica pentecostal acadêmica, exposta e explicada no tópico que se segue.

### 1.2.2 Hermenêutica pentecostal acadêmica

Da aproximação e aliança da hermenêutica pentecostal com o movimento evangelical norte-americano surgiram laços sociais e institucionais, redundando na assimilação de seu método hermenêutico. Para o movimento evangelical, o centro da interpretação era a intenção do autor e seu sentido histórico, tornando a teologia resultado da exegese. Esse evangelicalismo pentecostal transformou a teologia pragmática da experiência e colocou o papel da autoridade das Escrituras no modelo do movimento evangelical norte-americano, o qual caminhava para o contexto original como parte primeira do trabalho, o que acarretou, posteriormente, a aplicação ou sistematização teológica contemporânea.<sup>70</sup>

No limiar da leitura crítica e piedosa do texto, os evangelicais aceitavam um “criticismo piedoso” ou “criticismo moderado”, que confessava ser a Escritura inspirada Palavra de Deus em palavras humanas. Esse entendimento permitia a investigação crítica, na condição de palavra humana e, ao mesmo tempo, tratá-la como divina, enquanto revelação. Um dos pentecostais importantes nesse cenário foi Robert Menzies, o qual se instrumentaliza da crítica da redação e das fontes nessa perspectiva mais moderada, sem

<sup>68</sup> TERRA, 2020b, p. 76.

<sup>69</sup> TERRA, 2020b, p. 76.

<sup>70</sup> TERRA, 2020b, p. 76-77.

desconsiderar a inspiração ou o valor do texto bíblico, seguindo o estatuto do neoevangelicalismo.<sup>71</sup>

Essa fase da hermenêutica pentecostal é marcada pela presença da formação da erudição bíblica pentecostal. O contexto é a relação entre os neoevangelicais e as igrejas pentecostais na NAE. É nesse espaço que os métodos mais racionalistas da academia são inseridos na história da exegese pentecostal. Assim, a exegese pentecostal dialoga com a tradição evangelical, motivo pelo qual as ferramentas gramaticais e histórico-críticas, nos moldes do evangelicalismo norte-americano, tem grande lugar na hermenêutica pentecostal.<sup>72</sup>

Entende-se por hermenêutica pentecostal acadêmica o resultado da utilização de métodos exegéticos por pentecostais no contexto acadêmico, o que se faz para dar base teórica à hermenêutica da teologia pentecostal. A hermenêutica pentecostal, ao entrar na academia e buscar seu lugar, conservou o paradigma racionalista da modernidade, especialmente ao empregar os métodos desenvolvidos pela crítica bíblica, entretanto, seguiu à maneira dos neo-ortodoxos.<sup>73</sup>

Gordon D. Fee, seguindo o modelo hermenêutico evangelical e os princípios da exegese moderna, foi um dos primeiros a inserir a leitura pentecostal no nível acadêmico. Para o autor, cada texto deve ser lido à luz da maneira e do conteúdo próprios, circunstâncias que evitaria aberrações e alegorizações. Ainda, afirma que os dois principais pontos da hermenêutica pentecostal são: a experiência do batismo com o Espírito Santo e o falar em línguas como sua evidência inicial.<sup>74</sup>

William W. Menzies, pai de Robert Menzies e fundador da *Society for Pentecostla Studies (SPS)*, seguiu de perto as perspectivas da hermenêutica evangelical-pentecostal, conjugando experiência, crítica bíblica e metodologia científica. Em um texto publicado com seu filho, defenderam o uso da crítica bíblica, aduzindo expressamente que as críticas das fontes e da redação são ferramentas relevantes para a compreensão da formação e do sentido do texto. W. Menzies propõe um esquema hermenêutico com nível indutivo, nível dedutivo, nível de verificação. O autor aplicou a crítica da redação a Lucas-Atos e afirmou ser Lucas um teólogo independente de Paulo; afirmou, ainda, que após a leitura crítica e

---

<sup>71</sup> TERRA, 2020b, p. 81.

<sup>72</sup> TERRA, 2020b, p. 83.

<sup>73</sup> De acordo com Kenner Terra (2020b, p. 97), a neo-ortodoxia é um movimento bíblico teleológico crítico ao liberalismo, e afirmou a ideia do Deus transcendente, totalmente Outro, que se revela ao ser humano. Nessa perspectiva, a Bíblia deve ser lida na condição de humana e histórica.

<sup>74</sup> FEE, Gordon D. *Gospel and Spirit: Issues in New Testament Hermeneutics*. Baker Academic. 1991, p. 89.

histórica do texto, a fim de acessar seu sentido original, as deduções teológicas surgiriam como corolários do primeiro passo.<sup>75</sup>

Para Menzies, o pentecostalismo é certificado pela experiência, sendo que, se uma verdade bíblica deve ser promulgada, deve ser demonstrável na vida. Ainda, afirma que o nível de verificação da experiência pentecostal não é apenas legítimo, mas é um elemento necessário em uma hermenêutica pentecostal, na cadeia tríplice: nível indutivo, dedutivo e de verificação.<sup>76</sup>

Roger Stronstad segue a leitura redacional de Atos, mas, ao contrário de Fee, encontra nas narrativas incidentais um lugar tanto de normatividade da experiência quanto para a teologia pentecostal e seus textos sobre Lucas-Atos exemplificam o caminho bíblico-teológico por ele escolhido. Ainda, Stronstad afirma que Fee incidiu no erro de reconhecer o batismo no Espírito Santo como parte da conversão, e não de uma experiência subsequente.<sup>77</sup>

Em seu artigo “*Pentecostal Experience and Hermeneutics*”, Stronstad defende ser impossível ler a Bíblia sem pressupostos, os quais seriam para o pentecostalismo a experiência do Espírito Santo e sua presença carismática. Defende também, a experiência carismática, a iluminação pneumática e a análise do gênero literário como partes da hermenêutica pentecostal. Com isso, o leitor pentecostal seria fiel à sua tradição e cumpriria a exigência do elemento racional da hermenêutica. Em síntese, como consequência natural de suas intuições, Stronstad apresenta quatro componentes para a hermenêutica pentecostal: pressuposto da experiência carismática, análise do gênero literário, exegese e verificação da experiência.<sup>78</sup>

Esse movimento carismático é formado por dois subgrupos, como explicam Oliveira e Terra:

- 1) renovação carismática das igrejas protestantes e da Igreja Católica com inclusão seletiva de elementos dos pentecostalismos, e 2) os que seguem a teologia da prosperidade, da batalha espiritual, e mais recentemente, também os que compartilham uma visão judaizante, com ênfase nos carismas de ‘apóstolo’ e ‘profetas’.<sup>79</sup>

---

<sup>75</sup> TERRA, 2020b, p. 86.

<sup>76</sup> EDVALDO, Everton. Tradução livre de “Hermenêutica e Experiência Pentecostal”. In: ESQUINA DA TEOLOGIA. [online].

<sup>77</sup> TERRA, 2020b, p. 87.

<sup>78</sup> TERRA, 2020b, p. 92.

<sup>79</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 21.

Com relação a Menzies, Kenner Terra afirma que o autor, em um texto escrito com seu filho, defendeu o uso da crítica bíblica e, no contexto da discussão com perspectivas pós-modernas, cujo foco seria a denúncia do racionalismo na exegese pentecostal de cunho evangelical, afirmou que as críticas das fontes e da redação são ferramentas relevantes para a compreensão da formação e do sentido de um texto.<sup>80</sup>

Nesse sentido da ideia de iluminação pneumática, é importante esclarecer seus antecedentes históricos, os quais são de suma relevância para compreensão adequada de seu fenômeno. Nesse sentido, esclarece-se que, durante muito tempo, sob a égide do paradigma racionalista, defendia-se que a utilização dos métodos científicos acarretaria a possibilidade da neutralização de pressupostos, a anulação dos interesses e das experiências. Esses pressupostos perpassam tanto o método histórico-crítico como o gramatical-histórico em suas formas mais tradicionais.<sup>81</sup>

Para a leitura bíblica pentecostal, a experiência não é um empecilho, mas marca uma identitária, sua principal característica. Se, por um lado, a presença carismática do Espírito e suas manifestações são fundamentais na identidade pentecostal, por outro exigem dos pentecostais e carismáticos uma reflexão acurada da relação entre experiência e interpretação<sup>82</sup>. Assim:

Para o pentecostal, o conceito de iluminação tem um valor especial, uma vez que o mesmo Espírito que entregou dons aos apóstolos e os inspirou para escreverem os textos continua atuando na vida do leitor. Dentro de um cenário pentecostal, esses significados ‘iluminados’ exercem muito mais poder sobre os crentes, já que são vistos como portadores da aprovação e autoridade divinas. Esse sentido mais profundo, ou essa autorização divina para percebê-lo no processo de iluminação, revela que a Palavra de Deus é viva e é resposta do Espírito na vida do fiel. Para o pentecostal, esse caráter da Bíblia é fundamental porque lhe permite receber as Escrituras como lugar de ação do Espírito Santo, e não simplesmente como texto histórico do passado.<sup>83</sup>

Dessa maneira, na tradição pentecostal, a Bíblia é Palavra de Deus, não no sentido tradicional, mas Palavra viva, uma vez que o “Espírito e a letra” não são a mesma coisa. O Espírito é a força e vida da Escritura, e foi ele que possibilitou a sua existência. Portanto, para o fiel pentecostal, o Espírito confirma a verdade da Escritura por meio de experiências atuais, e esta também é resultado da intervenção sobrenatural. Diante desse projeto hermenêutico, o lugar insuperável de avaliação das manifestações modernas dos carismas é a Escritura, uma vez que ela testemunha as mesmas ações contemporâneas. Com isso,

<sup>80</sup> TERRA, 2020b, p. 89.

<sup>81</sup> TERRA, 2020a, p. 32.

<sup>82</sup> TERRA, 2020a, p. 32.

<sup>83</sup> TERRA, 2020a, p. 33.

somente pelo ministério do Espírito a Palavra poderia ser viva e eficaz. Aqui se estabelecerá a ideia de iluminação experiencial ou pneumática tipicamente pentecostal.<sup>84</sup>

Para os pentecostais, a experiência do indivíduo que lê a Escritura, dá-lhe vida e ressignifica o que está registrado no texto é vista como instância de construção da Teologia. Para eles, o texto bíblico é um texto vivo, instrumento de transformação, sendo a Igreja a casa da fala, onde as experiências são construídas.<sup>85</sup>

No Brasil, entre os acadêmicos pentecostais, popularizou-se o modelo histórico-gramatical, o qual defendia a importância da experiência, sem se esquecer da valorização da utilização da análise do contexto linguístico, gramatical e histórico das Escrituras.<sup>86</sup>

### 1.2.3 Hermenêutica pentecostal contextual

Essa fase da hermenêutica pentecostal teve origem formal com a publicação do volume 15 da revista *Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, no ano de 1993, na qual autores pentecostais ofereceram caminhos alternativos à hermenêutica pentecostal evangelical. Nesse sentido, é possível verificar que o surgimento das novas reflexões hermenêuticas pentecostais se deu no mesmo espaço em que o modelo anterior se estabeleceu. A *Society for Pentecostal Studies* (Sociedade para Estudos Pentecostais), responsável pela revista *Pneuma*, teve William Menzies como primeiro presidente, cofundador e editor da revista.<sup>87</sup>

Essa fase da hermenêutica também é acadêmica. Sua origem decorre da desconfiança, em especial, do uso das ferramentas críticas e da visão de mundo racionalista entre os pentecostais eruditos, o que significou a adequação da tradição pentecostal ao racionalismo iluminista da modernidade. Ao mesmo tempo que os pentecostais acolheram os métodos críticos e gramaticais, outros pesquisadores, também pentecostais, encontram na crítica à modernidade e nos métodos menos racionalistas, maior alinhamento à forma como se liam os textos bíblicos nas comunidades locais e, como consequência, aptos a darem conta da fé no contexto da experiência sobrenatural.<sup>88</sup>

Para Terra:

<sup>84</sup> TERRA, 2020a, p. 34.

<sup>85</sup> OLIVEIRA, Amélia Lemos. Hermenêutica e Experiência Pentecostal. *Teologia em Revista*, v. 1, n. 1, p. 109-147, 2021, p. 124.

<sup>86</sup> TERRA, 2020b, p. 95.

<sup>87</sup> TERRA, 2020b, p. 108.

<sup>88</sup> TERRA, 2020b, p. 106.

Enquanto matriz epistemológica, a hermenêutica pós-crítica ou pós-moderna carismático-pentecostal tem algumas características:

1. Crítica à ‘hermenêutica pentecostal evangelical’, especialmente à sua dependência dos métodos considerados racionalistas.
2. Dialoga com a filosofia da linguagem contemporânea e recentes discussões hermenêuticas.
3. Maior atenção ao contexto do leitor e aplicação de metodologias preocupadas com esse componente do processo interpretativo.
4. Em relação à intenção do autor, parte desse movimento caracteriza sua abordagem como um tipo de rompimento com a exegese acadêmica pentecostal-evangelical, porque o ‘original/histórico’ pensado pelo redator/escritor bíblico não seria acessado sem mediações.

Por isso, alguns membros desse novo movimento criticam os adeptos da hermenêutica pentecostal evangelical por desconsiderarem os limites do conhecimento humano, simplificarem a complexidade da hermenêutica e não enfrentarem os dilemas da nova historiografia<sup>89</sup>.

Esse período da hermenêutica, portanto, tem suas características próprias, que as diferem de outras fases. Aqui, realiza-se críticas à dependência dos métodos racionalistas por parte da hermenêutica pentecostal evangelical, além de defender e praticar o diálogo com a filosofia da linguagem e discussões hermenêuticas contemporâneas. Quanto ao leitor, preocupa-se com seu contexto; e quanto ao autor, sua intenção deveria ser visualizada com mediações.

Além disso, nessa fase, “enquanto ferramenta bíblico-teológica, a teologia narrativa tornou-se, entre os hermenêuticos pentecostais, fonte de produção acadêmica e resgate da identidade carismática, e, ao mesmo tempo, integrou o discurso da fé dialogável com o contexto pós-moderno”.<sup>90</sup>

A crítica dos biblistas pentecostais nessa fase não é quanto à ausência do lugar da experiência na hermenêutica evangelical em terrenos carismáticos, mas à maneira como tentam adaptar a visão de mundo e fé pentecostais ao paradigma da modernidade. Na hermenêutica pentecostal contextual, a importância conferida às narrativas bíblicas é considerada uma das maiores contribuições da exegese carismática.<sup>91</sup>

Pelo exposto, foi possível compreender as fases da hermenêutica pentecostal, bem como a maneira de sua evolução. Dessa forma, com a exposição sobre o processo hermenêutico na história do pentecostalismo moderno, apresentada no capítulo um da dissertação, será possível determinar em quais dessas fases encontra-se os estudos de Gunnar Vingren, o que ocorrerá no capítulo seguinte da presente pesquisa. Isso porque tal exposição permitirá atingir o objetivo proposto no estudo, qual seja, verificar as principais

<sup>89</sup> TERRA, 2020b, p. 108.

<sup>90</sup> TERRA, 2020b, p. 118.

<sup>91</sup> TERRA, 2020b, p. 116.

ideias defendidas por Gunnar Vingren em sua monografia, por intermédio de uma análise da hermenêutica de Gunnar Vingren em seus escritos.



## 2 GUNNAR VINGREN E O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

No presente capítulo, pretende-se abordar a bibliografia de Gunnar Vingren, importante figura no estudo da hermenêutica pentecostal, objeto central deste trabalho, bem como suas principais ideias, suas pesquisas, estudos e história. Isso porque a finalidade buscada é analisar em que hermenêutica pentecostal os estudos de Vingren podem ser classificados. Assim, dividiu-se o capítulo em dois tópicos.

Dessa maneira, o primeiro tópico aborda a história de Gunnar Vingren e seu envolvimento no movimento pentecostal, bem como a sua chegada no Brasil e a fundação das Assembleias de Deus, além de abordar todo o contexto em que isso ocorreu, e outros indivíduos relacionados a esse movimento; o segundo tópico analisa as bases do pentecostalismo, suas principais ideias, bem como o seu surgimento como movimento e a sua evolução histórica no mundo e no Brasil, bem e as ideias e contribuições de Gunnar Vingren nos primórdios desse movimento.

### 2.1 Quem foi Gunnar Vingren?

As considerações realizadas a respeito da vida e história de Gunnar Vingren terão como base o livro “O Diário do Pioneiro Gunnar Vingren”, escrito por seu filho, Ivar Vingren, o qual reuniu as anotações e memórias de seu pai. Ivar Vingren examinou aproximadamente 25 (vinte e cinco) diários de seu pai, que constituem o reflexo das lutas e vitórias de uma vida, desde o princípio até o fim.

A biografia de Gunnar Vingren, na versão original em sueco, “*Pionjârens Dagbok. Gunnar Vingrens minnesanteckningar*” foi publicada em 1968 na Suécia, e no Brasil, como título de “Diário de um pioneiro”, foi publicada no ano de 1971, quando as Assembleias de Deus já celebravam seu cinquentenário.<sup>92</sup>

Adolph Gunnar Vingren nasceu no dia 08 de agosto do ano de 1879, na Suécia. Os pais de Gunnar Vingren eram crentes e, por esse motivo, procuraram desde a sua infância transmitir conhecimentos relacionados à Igreja. Ainda em sua infância, Vingren frequentava a Escola Dominical, da qual seu pai era dirigente. Aos 11 (onze) anos, concluiu seu curso

<sup>92</sup> ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia: 1911-2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 28

primário e começou a ajudar seu pai no ofício de jardineiro, ofício este o qual permaneceu até os 19 anos de idade<sup>93</sup>.

Além disso, afirma Vingren que aos 9 (nove) anos de idade passou a se interessar pelos assuntos teológicos, relacionados à Igreja e aos seus ensinamentos. Entretanto, aos 12 (doze) anos, considera “que desviou do caminho do Senhor e se tornou um filho pródigo, caindo profundamente no pecado” – conforme suas palavras – até os 17 (dezessete) anos de idade, momento em que passou a se dedicar à Igreja. Aos 18 (dezoito) anos, foi batizado nas águas em uma igreja batista em Wraka, Smaland, na Suécia (ano de 1897). Nesse mesmo ano, tornou-se sucessor de seu pai no trabalho da Escola Dominical, fato que “aumentou muito a sua necessidade de Deus e de Sua graça”, nas palavras do próprio autor.<sup>94</sup>

No ano de 1898, foi para uma escola bíblica em Götabro, Närke e, conforme Vingren, ele nunca havia recebido uma instrução bíblica tão profunda como essa. Essa escola bíblica era formada por 55 participantes, homens e mulheres. A escola fazia parte de uma Federação Evangélica que tinha o objetivo de ganhar almas para Cristo.<sup>95</sup>

Nesse período, a Suécia enfrentava um momento difícil, tendo em vista que entre os anos de 1867 e 1886, quase 450 mil suecos deixaram o país em decorrência da escassez de alimentos e de empregos, sendo que a maioria imigrou para o meio-oeste dos Estados Unidos, em um movimento que ficou conhecido como “febre dos Estados Unidos”.<sup>96</sup>

Israel de Araújo, pesquisador da história das Assembleias de Deus no Brasil, afirma que Gunnar Vingren “foi atingido pela febre dos Estados Unidos”. Assim, Vingren deixou seu país e viajou para os Estados Unidos, tendo chegado a Kansas City no dia 19 de novembro do ano de 1903 (com 24 anos de idade), e fez parte da Igreja Batista Sueca. Ao chegar na cidade, ficou hospedado, inicialmente, na casa de seu tio Carl Vingren, que havia sido missionário batista na China e pastor das seguintes igrejas batistas suecas na América: Primeira Igreja Batista Sueca (atual Bemis Parle Baptist) de Omania (Nebraska), de 1898 a 1901; a Primeira Igreja Batista Sueca de Minneapolis, de 1912-1918; e a Igreja Batista Sueca de Kingsburg, na Califórnia, de 1918 a 1924<sup>97</sup>.

É possível dizer que o motivo dessa imigração foi, além de econômico – acarretado pela escassez de alimentos e de empregos –, também religioso. Os batistas da Suécia se

<sup>93</sup> VINGREN, Ivar. *O Diário do Pioneiro Gunnar Vingren*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 19.

<sup>94</sup> VINGREN, 2000, p. 20.

<sup>95</sup> VINGREN, 2000, p. 21-22.

<sup>96</sup> CÉSAR, Elben. Gunnar Vingren e Daniel Berg: os pioneiros das Assembleias de Deus. *Revista Ultimato*, 2018. [online].

<sup>97</sup> ARAÚJO, Israel de. Apresentação. In: *O Tabernáculo e suas lições por Gunnar Vingren* [trad. Marta Nair Manhães de Andrade]. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

estabeleceram na América do Norte nas primeiras décadas de 1800, tendo sido a maior parte do contingente de emigrantes suecos que seguiu para o Novo Mundo. Assim, os suecos batistas foram para a América do Norte em razão da falta de liberdade religiosa em sua pátria por causa da igreja estatal sueca, a luterana.<sup>98</sup>

No fim de setembro de 1904, Vingren foi para Chicago a fim de começar um curso de quatro anos no seminário teológico sueco dos batistas. Durante esse tempo, pregou muitas vezes em diferentes igrejas e em diferentes lugares. Concluiu seus estudos e foi diplomado em maio de 1909.<sup>99</sup>

Teve Olof Hedeem como seu tutor, a quem entregou sua monografia de graduação com 76 páginas escrita à mão e em sueco, pois as aulas no Seminário em Chicago eram ministradas no idioma pátrio do pioneiro. A árdua tarefa de tradução deste material histórico escrito no idioma sueco de mais de 100 anos, coube a professora Marta Nair Manhães de Andrade, que viveu na Suécia por mais de 30 anos.<sup>100</sup>

O *Swedish Theological Seminary* (Seminário Teológico Sueco) de Chicago, no qual Gunnar Vingren ingressou em setembro de 1904, foi fundado pelo batista sueco John Alexis Edgren em 1871. O Seminário foi um fator de impulso do crescimento das igrejas batistas suecas, especialmente no Estado de Illinois. Desde o seu começo, os estudantes eram envolvidos ativamente na pregação do evangelho e tiveram parte vital por mais de quarenta anos na formação de praticamente cada igreja na região de Illinois, e mais especificamente no centro metropolitano de Chicago<sup>101</sup>.

Após isso, assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista em Menominee, Michigan, de junho de 1909 a fevereiro de 1910. Nessa época, visitou a convenção Geral dos Batistas americanos, tendo sido resolvido que seria enviado como missionário a Assam, na Índia, juntamente com sua noiva. Até aquele tempo, Vingren estava “convencido de que isto era a vontade de Deus para sua vida”, mas durante a Convenção, “Deus o fez sentir que aquela não era a Sua vontade”. Dessa forma, interpretando as palavras de Vingren, nota-se que durante a Convenção Geral dos Batistas americanos, optou por não aceitar ser enviado como missionário à Índia. Assim, uma semana após voltar para sua igreja, resolveu não seguir mais esse caminho, escrevendo para a Convenção e comunicando a sua decisão. Por esse motivo, sua noiva rompeu com ele.<sup>102</sup>

---

<sup>98</sup> ARAÚJO, 2011, p. 10.

<sup>99</sup> VINGREN, 2000, p. 24.

<sup>100</sup> ARAÚJO, 2011, p. 12.

<sup>101</sup> ARAÚJO, 2011, p. 12.

<sup>102</sup> VINGREN, 2000, p. 25.

No ano de 1909, Vingren foi à conferência, visando buscar o batismo com o Espírito Santo, tendo sido batizado cinco dias após o seu comparecimento na Conferência. Nas palavras do autor, quando foi batizado, falou “novas línguas, justamente como está escrito que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecoste, em Atos 2”. Em decorrência desse acontecimento, quando voltou para Michigan, passou a pregar que Jesus batiza com o Espírito Santo e com o fogo, mas não obteve o resultado que se esperava: teve de deixar a igreja, pois metade passou a crer na pregação de Vingren, mas a outra metade se opôs.<sup>103</sup>

Importante esclarecer que, para o pentecostalismo, o “batismo com o Espírito Santo” seria o cumprimento da promessa bíblica da continuidade da profecia de Joel de que o Espírito Santo seria derramado “sobre toda a carne”. Nessa profecia, que acontece no Livro de Atos dos Apóstolos, todos ficam “cheios do Espírito Santo”. Esse batismo significaria, nesses termos, experimentar a plenitude do Espírito.<sup>104</sup>

No ano de 1910, Vingren viaja ao Brasil com Daniel Berg, missionário sueco que conheceu em 1909, em Chicago<sup>105</sup>. No dia 19 de dezembro de 1910 os dois missionários desembarcaram na cidade de Belém, no Estado do Pará, após passarem quatorze dias no navio, que saiu de Nova Iorque, nos Estados Unidos.<sup>106</sup>

Nesse cenário, “ao chegarem ao Brasil, Gunnar Vingren e Daniel Berg passaram a residir nas dependências da Primeira Igreja Batista do Pará, onde começaram a participar dos cultos, compartilhando sua experiência pentecostal, ao mesmo tempo em que trabalhavam e estudavam o idioma português”<sup>107</sup>.

Dessa maneira, o movimento pentecostal tem origem no Brasil no ano de 1910, com o italiano Louis Francenon, fundador da Congregação Cristã no Brasil e com os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg que, embora tenham desembarcado no país também nesse mesmo ano, somente deram início a Assembleia de Deus no ano seguinte (1911). Importante mencionar que todos esses fundadores são contemporâneos do movimento nos Estados Unidos, inclusive mantiveram contato com um dos grandes nomes do pentecostalismo, William H. Durham.<sup>108</sup>

<sup>103</sup> VINGREN, 2000, p. 25.

<sup>104</sup> LIMA, Adriano; BRANDT, Diandra; BOFF, Clodovis. A experiência do “batismo com o Espírito Santo” no pentecostalismo. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 72-84, 2015. p. 77.

<sup>105</sup> VINGREN, 2000, p. 28.

<sup>106</sup> VINGREN, 2000, p. 35.

<sup>107</sup> PEREIRA, Walter. *Temas bíblicos na Escola Dominical da Igreja Assembleia de Deus (2000-2009): avaliação teológica e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011, p. 14.

<sup>108</sup> MARIANO, André Luiz de Castro. Pentecostalismo clássico: algumas semelhanças e diferenças de *ethos* e estilo de vida na Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. *Teologia e Espiritualidade*, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 81-100, 2018. p. 83.

A notícia de que novos missionários haviam chegado dos Estados Unidos ecoou rapidamente nas quatro igrejas protestantes da cidade. Vingren e Berg eram levados de uma igreja para a outra, e todos estavam interessados em ver e ouvir os recém-chegados. Alguns dias depois, três crentes tinham se interessado pelos missionários e estes testemunharam sobre o batismo com o Espírito Santo. Dois deles foram batizados mais tarde.<sup>109</sup>

Gunnar Vingren chegou a Belém no dia 19 de novembro de 1910. Em 18 de junho de 1911, tornou-se o primeiro pastor da Assembléia de Deus, liderando um grupo de dezenove pessoas. Estudou português e propagou a doutrina pentecostal de maneira proselitista inicialmente entre Batistas em Belém, e posteriormente entre os ribeirinhos da Amazônia e entre o nordeste do Brasil.

No ano de 1917, Gunnar Vingren casou-se com Frida Strandberg, enviada pela missão da Igreja Filadélfia de Estocolmo (Suécia) ao Brasil em 1917, para atuar na missão brasileira da Igreja Assembleias de Deus<sup>110</sup>. Embora tenham casado no Brasil, Vingren e Frida se conheceram na Suécia, quando este esteve visitando e realizando um trabalho de evangelização na Suécia (1915-1917). Nesse momento, o movimento pentecostal também estava ganhando forças na Suécia. Gunnar Vingren pregou em vários lugares e igrejas na Suécia, divulgando o trabalho missionário no Brasil.<sup>111</sup>

Em 27 de maio de 1917, Frida foi ordenada missionária na Igreja Filadélfia de Estocolmo, para trabalhar no Brasil, principalmente, como Bibelkvinna (antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas).<sup>112</sup>

Frida participou do movimento pentecostal sueco, em época que as mulheres começaram a ser reconhecidos nesse movimento. Em 1917, foi publicado pela editora da Igreja Filadélfia de Estocolmo, a Filadélfia Forlaget, o documento “Diretrizes do Movimento Pentecostal”, em que se defendia que o papel das evangelistas era, em parte, pregar os fundamentos da fé cristã e, em parte, ensinar de forma que os novos convertidos pudessem crescer em sua fé.<sup>113</sup>

---

<sup>109</sup> VINGREN, 2000, p. 38.

<sup>110</sup> ULRICH, Claudete Beise; VILHENA, Valéria Cristina; SILVA, Leicyelem von Rondow da. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 625-656, 2018, p. 625.

<sup>111</sup> ULRICH; VILHENA; SILVA, 2018, p. 628.

<sup>112</sup> ARAUJO, Isael de. Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 32.

<sup>113</sup> ARAUJO, 2014, p. 28.

Frida Strandberg foi precursora das reivindicações femininas no meio pentecostal. Essas reivindicações de Frida foram motivo da primeira convenção das Igrejas Assembleias de Deus, já em 1930.<sup>114</sup> Assim, o pentecostalismo é conhecido também pelo papel das mulheres nesse movimento, tendo em vista que muitas mulheres se tornaram líderes e pregadoras nas igrejas pentecostais. Ele descreve como o pentecostalismo oferece às mulheres uma forma de expressão religiosa e uma oportunidade de desafiar as normas de gênero.<sup>115</sup>

Na década de 1920 mudou-se para o Rio de Janeiro para ampliar sua atividade missionária. No dia 15 de agosto de 1932, o pastor Gunnar Vingren e sua família deixaram o Estado do Rio de Janeiro e voltaram à Suécia. Vingren, no tempo que viveu no Brasil, apresentou alguns problemas de saúde que se agravaram depois que retornou à Suécia. No dia 29 de junho de 1933, Gunnar Vingren faleceu.<sup>116</sup> A história do pentecostalista Vingren é relevante para compreender suas ideias, suas contribuições para o movimento pentecostal e sua importância para a hermenêutica pentecostal, principalmente a hermenêutica moderna.

Nesse cenário, o presente tópico limitou-se a tratar da história e da vida de Gunnar Vingren, tendo em vista que o presente trabalho possui enfoque em seus estudos. Dessa maneira, a sua trajetória de vida foi exposta, a fim de que seja possível compreender de que maneira ela influenciou em suas ideias e estudos.

No tópico que se segue, serão abordadas questões sociológicas, sob o ponto de vista das Ciências da Religião, a respeito do movimento pentecostal brasileiro e a atuação de Gunnar Vingren nesse fenômeno, buscando analisar o pentecostalismo e sua evolução histórica, bem como as contribuições das ideias de Vingren para esse fenômeno.

## 2.2 A história do pentecostalismo e as contribuições de Gunnar Vingren para o movimento pentecostal

A fim de compreender as principais ideias de Gunnar Vingren e sua contribuição para o pentecostalismo, é essencial compreender o surgimento do termo, seu conceito, as ideias defendidas, bem como a origem do movimento pentecostal, além de sua chegada ao Brasil. Dessa maneira, esse tópico dedica-se ao estudo desses elementos.

---

<sup>114</sup> ULRICH; VILHENA; SILVA, 2018, p. 628.

<sup>115</sup> ALVES, Eduardo Leandro. *A Sociedade Brasileira e o Pentecostalismo Clássico: Razões socioculturais para a afinidade entre a teologia pentecostal e a religiosidade brasileira*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 34.

<sup>116</sup> CORDOVA, Tiago de. *História da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Ijuí-RS*. Monografia (Graduação em História) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. p. 23.

Assim, o Pentecostalismo é o movimento religioso que enfatiza em seu discurso e prática os seguintes pontos: Batismo com o Espírito Santo, a “segunda benção” acessível ao cristão; glossolalia (falar em línguas estranhas aos ouvintes), sinal externo do recebimento do Espírito Santo na vida; adoção de uma ética exemplar do crente no mundo, que se expressa numa atitude de recusa das formas tradicionais de organizar a vida em sociedade; fervorosa atividade proselitista; expectativa da volta imediata de Jesus a este mundo, causando o fim da história humana; possibilidade de revelação direta de Deus ao indivíduo, por meio de profecias, sonhos e visões; ênfase no ministério da cura física e espiritual dos enfermos; atribuição à figura do Satanás e seus demônios a causa de todos os males, havendo portanto a necessidade de exorcizá-los da vida das pessoas possuídas por eles.<sup>117</sup>

O Pentecostalismo é uma religião protestante, a qual possui origem no começo do século passado. O nome advém de *Pentecostés*, festa religiosa dos judeus, em que se comemora o dia em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos e começou o cristianismo. Por isso, o centro do pentecostalismo é o batismo no Espírito Santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim, uma presença toda especial do Espírito Santo, que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas.<sup>118</sup>

Etimologicamente, esse termo refere-se à “experiência vivenciada pelos primeiros cristãos, cinquenta dias após a morte de Jesus Cristo e dez dias após sua ascensão aos céus, quando, durante a festa judaica do Pentecostes, Deus enviou seu Espírito Santo”<sup>119</sup>. De acordo com Cordova, em decorrência da origem do termo estar atrelado à festa religiosa dos judeus e suas características, “foi atribuído a expressão pentecostes, ou pentecostalismo a todo movimento religioso que evidencia as manifestações do Espírito Santo, como prática religiosa, ou onde acontecem manifestações do Espírito Santo acompanhadas da glossolalia”<sup>120</sup>.

A relação do pentecostalismo com a citada festa é indireta e acidental, por duas razões. Primeiro, porque a doutrina pentecostal está diretamente relacionada à descida do Espírito Santo; segundo, por causa da afirmação doutrinária da manifestação dos dons da glossolalia, falar em línguas estranhas, e da profecia como sinais que acompanharam a

<sup>117</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Abordagens usuais no Estudo do Pentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, p. 23-29, 1995. p. 22.

<sup>118</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 9.

<sup>119</sup> DIAS, Júlio César Tavares. O movimento pentecostal: algumas notas após os seus cem anos. *Pol. Hist. Soc.*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 77-94, 2018, p. 77.

<sup>120</sup> CORDOVA, 2012, p. 24.

inédita manifestação do Espírito Santo. Como se percebe, o termo pentecostalismo não faz alusão à festa judaica (o sentido legítimo do termo), mas evoca as primeiras manifestações dos carismas do Espírito enviado à igreja, coincidentemente ocorridas no dia de Pentecostes.<sup>121</sup>

A glossolalia é o falar em línguas estranhas, e tornou-se uma marca do movimento, que atraiu a atenção de muita gente. Para Dias, a glossolalia “ocorre quando uma pessoa em êxtase e a sua vocalização é interpretada pelos pentecostais como uma manifestação do Espírito Santo, uma referência ao fenômeno registrado no livro de Atos, capítulo 2”.<sup>122</sup>

Nesse sentido, os pentecostais creem no batismo com o Espírito Santo, fenômeno entendido como uma experiência profunda, que é caracterizada pela aquisição da capacidade de falar línguas estranhas, ou seja, pelo derramamento do Espírito Santo (ou batismo com o Espírito Santo) e por meio da concessão que este batismo faz de dons espirituais, os pentecostais acreditam estar voltando a esta experiência, sendo o dom de falar línguas o sinal da experiência.<sup>123</sup>

O pentecostalismo leva em conta o papel das experiências religiosas atribuídas à atuação do Espírito Santo na vida do crente. O movimento pentecostal tem a Bíblia em alta estima, sendo que desde os primórdios da fé pentecostal, seus líderes e pensadores buscam o respaldo das Escrituras para suas crenças e práticas<sup>124</sup>. É possível afirmar que o pentecostalismo “acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretações muitas vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa”.<sup>125</sup>

O historiador William Menzies sugere que o movimento pentecostal é aquele grupo na Igreja Cristã que se caracteriza pela crença de que os acontecimentos narrados no capítulo 2 de Atos dos Apóstolos no Dia de Pentecostes não só marcaram o nascimento da Igreja, mas também descreve uma experiência à disposição de todas as pessoas crentes de todas as épocas.<sup>126</sup>

---

<sup>121</sup> SOUZA, 2004, p. 17.

<sup>122</sup> DIAS, 2018, p. 78.

<sup>123</sup> DIAS, 2018, p. 83.

<sup>124</sup> SIQUEIRA, 2020, p. 43.

<sup>125</sup> MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *FIDES REFORMATATA XI*, n. 2, p. 23-50, 2006. p. 24.

<sup>126</sup> MENZIES, Willaim, 1971 *apud* DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do Pentecostalismo*. Natal: Carisma, 2018. p. 37.

Assim, o Pentecostalismo afirma o lugar integral que os milagres de cura literais ocupam no ministério de Jesus, insistindo que tais milagres devem ser experimentados nos tempos atuais, tendo em vista que eles são parte da experiência da Igreja Primitiva pós-Pentecostes, conforme os relatos do livro dos Atos dos Apóstolos. Os milagres de cura são não apenas parte da salvação e alívio trazidos à humanidade pelo Evangelho, mas são também um sinal de segurança para as pessoas crentes e testemunho para descrentes.<sup>127</sup>

De acordo com Dayton, o movimento pentecostal possui antecedentes complexos que contribuíram para a sua formação. Para o autor, o pentecostalismo teve como seu centro gravitacional a releitura ocorrida dentro dos círculos evangélicos norte-americanos que direta ou indiretamente acabaram influenciadas pelo ensino de John Wesley sobre a experiência da perfeição cristã. Entretanto, essa releitura não ocorreu de forma monolítica. Antes, pelo contrário, teve sua origem em quatro fontes distintas que gradativamente, foram confluindo para a formação do movimento pentecostal contemporâneo.<sup>128</sup>

Esses quatro elementos – Jesus salva; Jesus batiza com o Espírito Santo; Jesus cura; Jesus voltará – hoje universalmente confessados por todo pentecostalismo – se formaram separadamente no interior do Movimento de Santidade, confluindo ao longo do século dezenove para sua transformação em Movimento Pentecostal<sup>129</sup>. Nesse sentido, Cordova afirma que após a guerra civil americana, na segunda metade do século XIX, surge o movimento pentecostal nas igrejas metodistas dos Estados Unidos. Essas igrejas foram denominadas de *holiness* (santidade) e passaram a reproduzir um novo ensinamento, no qual atribuíam o batismo com o Espírito Santo como sendo uma experiência espiritual mais profunda.<sup>130</sup>

Dessa maneira, quanto à origem do movimento, é possível afirmar a inauguração das manifestações consideradas pentecostais aconteceram na Escola Bíblica Betel, na cidade de Topeka, Kansas no ano de 1901, quando o diretor da escola, Charles Fox Parham (1873-1929), iniciou uma série de reuniões de oração com seus alunos para buscarem uma segunda benção, que seria o batismo com o Espírito Santo que, segundo ele, somente poderia ser evidenciado por meio do “falar em línguas estranhas”. Foi assim que, nos primeiros dias de janeiro de 1901, o “fogo do Espírito” caiu sobre aquele grupo de pessoas. Os alunos passaram então a espalhar aquela novidade de vida às cidades e estados vizinhos.<sup>131</sup>

---

<sup>127</sup> DAYTON, 2018, p. 38-39.

<sup>128</sup> DAYTON, 2018, p. 15.

<sup>129</sup> DAYTON, 2018, p. 15.

<sup>130</sup> CORDOVA, 2012, p. 24.

<sup>131</sup> CAMPOS, 1995, p. 25.

Charles Parham chegou a defender que os crentes receberiam o conhecimento sobrenatural de línguas terrenas para que pudessem evangelizar o mundo antes da volta de Cristo. Já havia ocorrido a manifestação de línguas em anos anteriores nos Estados Unidos, assim como em outros períodos da história do cristianismo. A novidade na teologia de Parham é que ele foi o primeiro a considerar o “falar em línguas” como a evidência inicial do batismo no Espírito Santo, sendo que essa característica se tornou a marca distintiva do movimento pentecostal.<sup>132</sup>

A eclosão do movimento pentecostal nos Estados Unidos da América, de onde se disseminou para o mundo, deu-se entre a população negra; em praticamente todos os lugares, as igrejas pentecostais iniciaram suas comunidades eclesiais entre as populações de baixa renda.<sup>133</sup>

Charles Parham fundou o Lar de Curas Betel (1898) e o Colégio Bíblico Betel (1900), ambos na cidade de Topeka. Nesse cenário, ao estudar e analisar com os seus alunos qual seria a evidência bíblica para o batismo com o Espírito Santo, chegaram à conclusão que seria o falar línguas<sup>134</sup>. O trabalho de Parham cresceu de maneira significativa, disseminando sua escola e a nova doutrina por grande parte dos Estados Unidos. Dessa forma, no ano de 1905, Charles Parham abriu uma nova escola bíblica em Houston, no Texas.<sup>135</sup>

Em 1906, um desses alunos chegou a Los Angeles. Esse aluno era William James Seymour (1870- 1920), um pastor da Igreja Batista, negro e cego de um olho, que venceu obstáculos impostos pelo próprio Parham que era um admirador da Ku-KluxKlan, organização racista do sul dos Estados Unidos, como ter que assistir as aulas da escola Betel do lado de fora da sala<sup>136</sup>. Nessa época, os Estados Unidos passavam por um momento de grande discriminação racial, motivo pelo qual Seymour tinha de assistir a aula do lado de fora da sala.<sup>137</sup>

Seymour foi convidado a ministrar aulas em uma pequena congregação da cidade de Los Angeles, passando a congregar neste local, mas logo foi excluído, tendo em vista que os membros da congregação não aceitaram a pregação de Seymour no que diz respeito ao batismo no Espírito Santo e o dom de falar línguas. Dessa forma, ele permaneceu na cidade

---

<sup>132</sup> MATOS, 2006, p. 30.

<sup>133</sup> SOUZA, 2004, p. 18.

<sup>134</sup> PEREIRA, 2021, p. 240.

<sup>135</sup> CORDOVA, 2012, p. 25.

<sup>136</sup> BAPTISTA, S.T. C. Fora da Mundo – Dentro da Política: Identidade e “missão parlamentar” da Assembleia de Deus em Belém. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2022, p. 19.

<sup>137</sup> CORDOVA, 2012, p. 25.

de Los Angeles, uma vez que não possuía dinheiro para voltar para Houston. Edward Lee, compadecido da situação de Seymour, o hospedou por algum tempo, e em seguida este se mudou para casa de Richard Asbery.<sup>138</sup>

Foi na casa de Asbery que tiveram início as reuniões de oração dirigidas por Seymour. O grupo que participava dessas reuniões conseguiu reunir um dinheiro e levou para uma dessas reuniões Lucy Farrow, amiga de Seymour que já havia recebido o batismo no Espírito Santo. Nesta reunião, as maiorias das pessoas presentes receberam o mesmo dom, o que ajudou a fortalecer e disseminar as reuniões e as ideias nelas defendidas. O elevado número de pessoas que começaram a participar dessas reuniões obrigou os participantes a encontrarem um novo lugar para se reunir. Foi aí que eles encontraram um prédio que havia pertencido a uma igreja Metodista Episcopal, localizado na Rua Azusa, número 312.<sup>139</sup>

Depois de uma primeira pregação em uma Igreja dos Nazarenos, William conquistou alguns adeptos e nos dias seguintes se estabeleceu num antigo templo metodista, na Rua Azusa, que passou a atrair pessoas de todas as partes do país<sup>140</sup>. O interior desse velho templo abrigava evangélicos, majoritariamente negros, que, em orações prolongadas pela noite adentro, buscavam a santificação pelo Espírito.<sup>141</sup>

Rapidamente, as novas práticas rituais e a teologia pentecostal se espalharam por todo o mundo. W. H. Durhan, pastor batista de Chicago, converteu-se ao pentecostalismo nesse templo metodista<sup>142</sup>. É importante destacar que uma das características marcantes dessas primeiras reuniões foi o seu caráter multi-racial, com a participação de negros, brancos, hispanos, asiáticos e imigrantes europeus, sendo que a liderança era dividida entre negros e brancos, homens e mulheres.<sup>143</sup>

O que tornou o movimento da Rua Azusa o berço do pentecostalismo contemporâneo não foram propriamente as manifestações de glossolalia, curas e exorcismos, tendo em vista que não se originaram especificamente nesse episódio. A distinção desse movimento nasce a partir do momento em que as reuniões da Rua Azusa receberam a atenção da imprensa secular em sua primeira semana de programação.<sup>144</sup>

---

<sup>138</sup> CORDOVA, 2012, p. 25.

<sup>139</sup> CORDOVA, 2012, p. 25.

<sup>140</sup> CAMPOS, 1995, p. 25.

<sup>141</sup> ROLIM, 1987, p. 22.

<sup>142</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

<sup>143</sup> MATOS, 2006, p. 32.

<sup>144</sup> SOUZA, 2004, p. 16.

Os encontros que eram liderados pelo Pastor William Seymour, negro, garçom e filho de ex-escravos, começaram a acontecer dia 14 de abril de 1906 e três dias após, o jornal Los Angeles Daily Times enviou um repórter ao local das reuniões: “O Los Angeles Times enviou um repórter a um culto noturno na primeira semana de existência da Missão<sup>145</sup>.

Os encontros eram realizados todos os dias, de domingo a domingo, três vezes por dia, e com o prédio sempre lotado. Em poucos meses, a *Azusa Street Mission*, passou a ser chamada de *Apostolic Faith Mission*. A frequência diária dos cultos era de 1,3 mil pessoas, e o fervor do avivamento ainda continuou por cerca de três anos.<sup>146</sup>

Desde o seu surgimento, o movimento pentecostal foi muito diversificado, apresentando uma grande variedade de manifestações e ênfases. Isso pode ser justificado, visto que o pentecostalismo, por sua própria natureza, podia, a partir das premissas básicas, assumir um grande número de configurações, motivadas principalmente pelos muitos líderes independentes que iam surgindo.<sup>147</sup>

Foi nesse momento de crescimento do movimento que o avivamento alcançou a cidade de South Bend, no Estado de Indiana, onde Gunnar Vingren tomou conhecimento e tornou-se seguidor do movimento<sup>148</sup>. Dessa maneira, Vingren passou a ser um membro do movimento, defendendo suas ideias e tendo a necessidade de difundi-las para o maior número possível de pessoas.

Ao longo dos séculos, os cultos de tradição pentecostal incorporaram características distintas no que diz respeito aos aspectos doutrinários e às ênfases carismáticas. Também são bem perceptíveis a diversificação de sua clientela e as mudanças que geraram novos tipos de performance de sua liderança. Os valores morais da crença tiveram, também, ao longo do tempo alterações visíveis, que revelaram ao mundo social um pentecostalismo mais moderado e socialmente mais participativo.<sup>149</sup>

Do raio de sua influência em Chicago saíram três homens que trariam o pentecostalismo ao Brasil. No ano de 1910, o ítalo-americano, Luigi Francescon, logo após a sua chegada no Brasil, fundou, nas cidades de São Paulo e Santo Antônio da Platina, a Congregação Cristã no Brasil (CCB)<sup>150</sup>. Nota-se, portanto, que o pentecostalismo chega ao

<sup>145</sup> SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. O pentecostalismo clássico brasileiro em vias de midiaticização. *Revista Extraprensa*, v. 11, n. 1, p. 256-277, 2017, p. 262.

<sup>146</sup> PEREIRA, 2021, p. 242.

<sup>147</sup> MATOS, 2006, p. 34.

<sup>148</sup> CORDOVA, 2012, p. 26.

<sup>149</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 20.

<sup>150</sup> ROLIM, 1987, p. 30.

Brasil com contornos do pentecostalismo norte americano, mas trazida por europeus, que vivenciaram esse movimento na América.

Luigi Francescon foi um italiano nascido em 1866, na província de Udine, que imigrou para os Estados Unidos, chegando a Chicago no ano de 1890. Francescon era filho de família católica e se converteu ao protestantismo, em Chicago, por meio da pregação do irmão Nardi, em dezembro de 1891. Foi um dos membros fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana, em 1892, mas rompeu com ela devido a divergências acerca do batismo, uma vez que defendia o batismo por imersão, enquanto os presbiterianos realizam o batismo por aspersão.<sup>151</sup>

Desde os anos 70, o pentecostalismo também se expandiu na América Central, especialmente na Guatemala e El Salvador, onde representa respectivamente 30% e 20% da população. No Chile, cerca de 80% dos protestantes são pentecostais. Nesse país, o pentecostalismo marcou a nacionalização do protestantismo. São muitas as razões da expansão pentecostal na América Latina: as vicissitudes históricas da obra evangelística e pastoral católica, o limitado trabalho das denominações protestantes, o misticismo das culturas ibero-americanas, os graves problemas econômicos, políticos e sociais.<sup>152</sup>

A Congregação Cristã do Brasil, nome que, posteriormente, foi mudado para Congregação Cristã no Brasil, é a mais antiga, com origem em 1910. Luigi Francescon a fundou no bairro italiano do Brás, na capital paulista. Italiano de origem, Francescon veio dos Estados Unidos, em 1909, com a intenção de difundir sua experiência pentecostal entre seus compatriotas.<sup>153</sup>

Nesse bairro densamente povoado de italianos, onde se falava italiano no comércio e nas igrejas, Francescon foi acolhido pela Igreja presbiteriana pelo fato provavelmente de ter sido presbiteriano antes de abraçar o pentecostalismo. No interior do Paraná, fundou um pequeno núcleo pentecostal, em Santo Antônio da Platina. Encorajado por esta primeira conquista, Francescon criou, com presbiterianos dissidentes, a primeira igreja oficial da Congregação, no bairro do Brás, em 1910.<sup>154</sup>

No ano seguinte, os sueco-americanos Daniel Berg e Gunnar Vingren vieram para o norte do Brasil (Pará) e ali deram origem à Igreja Assembleia de Deus<sup>155</sup>. Quanto chegaram ao país, um dos primeiros contatos dos dois jovens missionários foi com o Sr. Justus Nelson,

---

<sup>151</sup> DIAS, 2018, p. 85.

<sup>152</sup> MATOS, 2006, p. 38.

<sup>153</sup> ROLIM, 1987, p. 32.

<sup>154</sup> ROLIM, 1987, p. 32.

<sup>155</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

que sensibilizado pela situação dos dois jovens os encaminhou ao responsável pela Igreja Batista, o Sr. Raimundo Nobre, que os hospedou nas dependências da Igreja. Entretanto, a nova mensagem defendida pelos missionários (da doutrina do batismo no Espírito Santo) não foi aceita de maneira uníssona na Igreja Batista: parte dos membros da Igreja recebeu o novo ensino como mensagem divina; enquanto a outra parte repugnou a mensagem, colocando-a no campo do fanatismo ou da loucura.<sup>156</sup>

A fim de que tal discórdia fosse solucionada, foram realizadas duas assembleias gerais, momento em que foi decidido que os propagadores da nova doutrina seriam desligados da comunhão de membros da Igreja Batista, assim como todos aqueles que a aderissem. Expulsos da Igreja Batista por defenderem a doutrina pentecostal, os missionários fundaram uma nova denominação e lhe deram o nome de Missão Apostólica da Fé. Posteriormente, em 18 de janeiro de 1918 ocorreu a mudança da denominação da igreja. De Missão Apostólica da Fé, passou a ser chamada de Assembleia de Deus<sup>157</sup>. Observe-se, portanto que “as primeiras relações entre batistas e pentecostais no Brasil foram tensas e conflituosas e marcadas pela impressão de que os irmãos suecos agiram de má fé”.<sup>158</sup>

Assim, a Assembleia de Deus (como conhecida desde 1918) foi fundada um ano depois da Congregação, em Belém do Pará, no ano de 1911. A fundação nasceu de uma dissidência batista; aqueles dois missionários, chegados a Belém, ia fazer um ano, começaram a fazer, com os batistas, reuniões de orações para pedirem o batismo no Espírito Santo<sup>159</sup>. Assim, observa-se que Berg e Vingren foram enviados para o Brasil pela Missão das Assembleias de Deus da Suécia, com o objetivo de evangelizar o país.

Em Belém antes da chegada de Berg e Vingren, já existiam quatro igrejas protestantes: batista, metodista, presbiteriana e luterana. O pastor metodista era Justis Nelson, que chegou a Belém no ano de 1855, e que também era sueco<sup>160</sup>. De acordo com Maurício Gomes, “a Assembleia de Deus no Brasil, ainda sem denominação formal no começo do século XX, foi sendo construída e formalizada a partir das experiências vivenciadas por seus líderes”.<sup>161</sup>

<sup>156</sup> CORDOVA, 2012, p. 28.

<sup>157</sup> CORDOVA, 2012, p. 28.

<sup>158</sup> DIAS, 2018, p. 86.

<sup>159</sup> ROLIM, 1987, p. 35.

<sup>160</sup> ALENCAR, 2012, p. 43.

<sup>161</sup> GOMES, Maurício Antônio de Araújo. *Comparações das visões teológicas pentecostais clássicas e neopentecostais nas Assembleias de Deus*: de Samuel Nyström e pastores contemporâneos. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020, p. 18.

Alencar esclarece que Vingren e Berg foram os fundadores das Assembleias de Deus, ou seja, responsáveis pelo seu surgimento, mas não foram responsáveis pela sua formação, seus rumos e sua identidade<sup>162</sup>. Essa afirmação considera que diversos fatores influenciaram o crescimento da Assembleia de Deus, não podendo reduzir somente à atuação dos seus fundadores.

O surgimento da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã do Brasil (CCB), faz parte do que veio a denominar “pentecostalismo clássico”, surgindo como uma das ramificações do Movimento Pentecostal Moderno. Sua fundação, além de dar uma característica nova ao movimento evangélico nacional, ainda se tornou o rosto mais expressivo<sup>163</sup>. Esse movimento clássico “era de base trinitária, com forte apelo moralista e recorte fundamentalista”.<sup>164</sup>

Gunnar Vingren era um pastor com formação teológica e preocupava-se com a instrução do povo, fazendo com que a Igreja por ele fundada tivesse origem sobre o solo das Escrituras. Essa visão de Gunnar Vingren levou-o a criar um serviço de tipografia no templo, atualmente denominado de TV 9 de janeiro. Em 10 de novembro de 1917, junto com seus cooperadores, editou o primeiro jornal pentecostal brasileiro, a “Voz da Verdade”, dirigido por Almeida Sobrinho e João Trigueiro. No dia 18 de janeiro de 1919, juntamente com Samuel Nyström, fundou em Belém o jornal “Boa Semente”. Além dos jornais, também eram editadas em Belém Bíblias e revistas da Escola Dominical.<sup>165</sup>

Vingren deixou registrado um quadro estatístico em seu diário de 1914, sobre pessoas que foram batizadas nas águas e no Espírito Santo durante os anos de 1911-1914. De acordo com seu registro, no ano de 1911, 13 pessoas foram batizadas nas Águas e 4 no Espírito Santo; em 1912, 41 pessoas foram batizadas nas Águas e 15 no Espírito Santo; no ano de 1913, 140 pessoas foram batizadas nas Águas e 121 no Espírito Santo; e, no ano de 1914, 190 foram batizados nas Águas e 136 no Espírito Santo. Assim, entre o período relatado, foram batizados nas Águas 384 pessoas, e 276 receberam o batismo do Espírito Santo.<sup>166</sup>

O pentecostalismo crescia cada vez mais na cidade de Belém. Entretanto, o objetivo dos missionários agora era levar a mensagem às cidades adjacentes. Foi pensando nisso que

---

<sup>162</sup> ALENCAR, 2012, p. 121.

<sup>163</sup> CHAVES, Pedro Jônatas da Silva. Raízes históricas do pentecostalismo moderno. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 7, n.1, p. 75-92, 2016. p. 76.

<sup>164</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 19.

<sup>165</sup> CORDOVA, 2012, p. 23.

<sup>166</sup> PEREIRA, 2021, p. 245.

Daniel Berg começa a fazer viagens missionárias em 1912, levando consigo Bíblias e Novos Testamentos. Assim, o missionário visitou as seguintes cidades: Bragança e Soure (ilha de Marajó) (1912), Xarapucu e Catipuru (1913), Ilha Caviana (1914), São Luís (1915) e Capanema<sup>167</sup>.

De acordo com Gideon Freire de Alencar, o Brasil sincrético dos indígenas, catolicismo e cultos afros é marcado por uma religiosidade com significativa abertura para a manifestação do êxtase e suas variantes, motivo pelo qual o pentecostalismo encontrou campo fértil no país<sup>168</sup>. No ano de 1922, a Primeira Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Estado do Rio de Janeiro foi aberta no Bairro de São Cristóvão, e fortaleceu-se com a mudança do missionário Gunnar Vingren, de Belém do Pará para o Rio de Janeiro, em 1924.<sup>169</sup>

Praticamente em toda primeira metade do século XX no Brasil somente essas duas denominações pentecostais se estabeleceram. A Congregação Cristã do Brasil centralizada na imigração italiana em São Paulo preservou seu *ethos* de irmandade. Enquanto a CCB se concentrou no Sudeste, sobretudo em São Paulo, até os anos 90, as Igrejas Assembleias de Deus em me- nos de duas décadas se espalharam pelo Norte e Nordeste, atingindo 20 estados antes de 1930. Apesar dos esforços e do ímpeto missionário dos assembleianos, a CCB chega aos anos 30 com um número de membros bastante superior ao das ADs<sup>170</sup>.

Os pentecostais começaram a fundar suas igrejas nas áreas em diversas localidades do país. De São Paulo até o Norte. Não vieram primeiramente para os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. No Sul estavam os luteranos, cujos pastores tinham vindo com os imigrantes alemães. Os luteranos não eram proselitistas. Esforçavam-se por conservar a fé e práticas luteranas de maneira a evitar que elas se contaminassem pela aproximação com o catolicismo.

O crescimento acelerado da CCB até os anos 30 tem relação com o processo de identificação, ou seja, era uma religiosidade pregada por um italiano na comunidade italiana em São Paulo. O desenvolvimento industrial em São Paulo atraía uma forte migração em contraponto à crise da borracha que redimensionava o fluxo migratório do Norte para as regiões Nordeste e Sudeste do país.<sup>171</sup>

---

<sup>167</sup> PEREIRA, 2021, p. 245.

<sup>168</sup> ALENCAR, 2012, p. 41.

<sup>169</sup> CORDOVA, 2012, p. 29.

<sup>170</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 265.

<sup>171</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 266.

Dessa maneira, o pentecostalismo, ao pisar em terras brasileiras, já encontrou um terreno preparado pelo protestantismo proselitista. E esse é um dos motivos do crescimento pentecostal. A Bíblia já não era uma novidade. E as Igrejas protestantes tinham uma razoável frequência nos cultos. Mas o pentecostalismo iniciou uma caminhada nova. Enquanto os presbiterianos, os batistas e outros se dirigiam às camadas médias e de algum recurso, os pentecostais foram diretamente às camadas empobrecidas.<sup>172</sup>

As demais Igrejas protestantes tinham em suas escolas de formação de pastores, um ensino equivalente ao do curso superior, onde se aprendia teologia, história do cristianismo e a Bíblia. Os pentecostais não tiveram escola para formar pastores. Dessa maneira, a formação vinha pela prática dos cultos, da aprendizagem simples da leitura da Bíblia, aos domingos, e da própria pregação. A maioria de seus adeptos não possuía curso médio para receber ensinamento mais elevado.<sup>173</sup>

Uma data importante no processo de institucionalização da igreja acontece em 1930 quando é criada a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), por iniciativa dos pastores brasileiros. A primeira assembleia geral acontece em Natal, RN, onde fica decidido que os pastores brasileiros ficariam responsáveis pelas igrejas do norte e nordeste, enquanto os missionários estrangeiros se responsabilizariam por novas igrejas a serem abertas no sul e sudeste brasileiros.<sup>174</sup>

A partir do ano de 1936, as Assembleias de Deus dos Estados Unidos passaram a contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento dessas Igrejas no Brasil, por meio do envio de missionários que se envolveram diretamente com a estruturação teológica da denominação, o que facilitou o crescimento dessas igrejas no país<sup>175</sup>. Até os anos 50, a Congregação se concentrou mais em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Na década de 60 foi subindo para o Norte, atravessando o Nordeste.<sup>176</sup>

Entre os anos de 1911 e 1950 o pentecostalismo teve um crescimento vagaroso, porém irreversível em todas as regiões do país. O Brasil, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, experimentou um explosivo crescimento urbano e industrial; rapidamente os campos se esvaziaram e as pessoas tomaram o rumo da cidade. O panorama cultural foi também se alterando, o rádio e a televisão foram se tornando, cada vez mais, os principais

---

<sup>172</sup> ROLIM, 1987, p. 24.

<sup>173</sup> ROLIM, 1987, p. 25.

<sup>174</sup> FARJADO, Maxwell Pinheiro. Religião e memória: afirmação da memória institucional da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, a. V, n. 13, p. 273-284, 2012. p. 278.

<sup>175</sup> CORDOVA, 2012, p. 29.

<sup>176</sup> ROLIM, 1987, p. 34.

meios de influenciar as massas. As demandas das pessoas reunidas em massas possibilitavam o surgimento de uma vaga pentecostal.<sup>177</sup>

Surge, então, resultante desse novo estado de coisas, uma acomodação pentecostal dessa sociedade urbana e industrial portadora de dramáticas carências sociais. Esse pentecostalismo passou a fazer da cura divina e da solução milagrosa dos problemas pessoais seus eixos temáticos. Nesse sentido, foram se moldando novas Igrejas, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”, Igreja de Nova Vida, Igreja Pentecostal “Deus é Amor”.<sup>178</sup>

Em dezembro de 1918, em Belém do Pará, foi fundado por Gunnar Vingren o primeiro periódico oficial das Assembleias de Deus, o jornal Boa Semente, que circulou de 1919 a 1930, com formato 21,5 x 30cm, em 4 páginas, distribuído gratuitamente. Em 1921, passou a ser mensal e quando foi extinto, em 1930, sua tiragem era de 3 mil exemplares. Por meio dos esforços dos fiéis e dos dois suecos redatores do jornal Boa Semente, Samuel Nystron e Nels Nelson, em 1923, foi montada a primeira tipografia das Assembleias de Deus que, além do jornal, publicou opúsculos, calendários, hinários e revistas da Escola Bíblica Dominical (EBD). Foi um grande empreendimento em vista das condições dos membros da AD, tendo em vista que a produção de impressos exigia aos membros a capacidade de leitura.<sup>179</sup>

A Assembleia de Deus logo se espalhou pelos Estados do Norte, Amazonas e Maranhão. Não demorou muito e ela já descia para o Nordeste. As secas nordestinas concorreram para apressar a entrada do pentecostalismo no Nordeste. Quando, para escapar da fome, o nordestino não procurava o litoral, fugia desgarrado para o Maranhão ou Pará, e no cinturão de casebres em torno das cidades, topava com acanhados templos pentecostais. A pregação do pentecostal e a leitura da Bíblia prendiam a curiosidade do imigrante nordestino<sup>180</sup>.

Assim, criada em 1911, no Norte, a Assembleia de Deus contava, já em 1940, com vários templos em todos os Estados e Territórios nacionais. Na década de 20, foi criado pelo mesmo processo, na capital do País, o primeiro núcleo pentecostal. A casa de urna família vinda de Belém tornou-se o templo inicial, em que o chefe da família se fazia de pastor,

---

<sup>177</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

<sup>178</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

<sup>179</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 268.

<sup>180</sup> ROLIM, 1987, p. 36.

sem o ser oficialmente. Deste primeiro grupo nasceu o grande templo da Assembleia de Deus no Campo de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro<sup>181</sup>.

Em 1910, havia apenas dois templos pentecostais. Nessa fase, o fenômeno do pentecostalismo apenas começava. Vinte anos depois, em 1930, o número de templos somava 267, e o das igrejas não pentecostais, 1100. No ano de 1970, os templos pentecostais eram aproximadamente 11000, e as igrejas não pentecostais, 14000. O crescimento dos pentecostais é, sem dúvida, significativo. Mais significativa, entretanto, do que este aspecto quantitativo é a reprodução das crenças pentecostais e o agente desta reprodução, que são as camadas pobres que a elas aderem<sup>182</sup>.

Assim, nota-se que a Assembleia de Deus cresceu rapidamente no Brasil e também em outros países da América Latina. A denominação se expandiu através da plantação de novas igrejas e da realização de missões evangelísticas em áreas rurais e urbanas. Hoje, a Assembleia de Deus é uma das maiores denominações evangélicas do mundo, com milhões de membros em todo o mundo.

O pentecostalismo adiciona ao ato religioso o sensacionalismo e o espetáculo, acompanhados de um produto doutrinário que intervém prioritariamente nos universos da dor, da angústia e da ansiedade da existência humana, trabalhando os conflitos do “aqui e do agora”<sup>183</sup>.

O movimento pentecostal se pulverizou em uma espécie de “pentecostalismo autônomo”. A estratégia dessas igrejas fez do rádio um dos mais importantes instrumentos de mobilização popular e de divulgação de suas sessões de milagres. Nos anos 70, com a população urbana ultrapassando a taxa de 70% e com a consolidação da televisão, surge um novo tipo de pentecostalismo. Dessa forma, torna-se evidente uma religião pentecostal de massas, que emprega com desinibição a mídia televisiva e faz dos milagres, exorcismos e promessas de prosperidade, seus principais produtos, agora colocados no competitivo mercado religioso. Desse novo patamar de acomodação surgem a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja “Renascer em Cristo”, entre inúmeras outras.<sup>184</sup>

Nesse sentido, o contexto de desenvolvimento industrial e urbano acelera a dinâmica dos fluxos migratórios, fato que contribuiu significativamente para a proliferação do

---

<sup>181</sup> ROLIM, 1987, p. 37.

<sup>182</sup> ROLIM, 1987, p. 42.

<sup>183</sup> SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004, p. 16.

<sup>184</sup> CAMPOS, 1995, p. 27.

pentecostalismo, gerando também êxodos religiosos. A midiaticização da temporalidade, materializada na produção/reconhecimento das sequências narrativas esquematizadas em imagens redimensiona o modo das pessoas compreenderem os fenômenos. Uma religiosidade mais publicizada e espetacularizada encontrou sentido nas relações das pessoas que viviam em processo de evolução da semiose social, portanto, havia maior valorização das manifestações visíveis do poder divino, o deus do início do século XX precisou dar sinais visíveis e audíveis de sua existência<sup>185</sup>.

Nesse sentido, o Pentecostalismo no Brasil pode ser classificado em três ondas, de acordo com os estudos do sociólogo Paul Freston. A primeira onda deu-se de 1910 a 1950, com a vinda da Congregação Cristã no Brasil (CCB) no começo de 1910 com Luigi Francescon, e da Assembleia de Deus (AD) em 1910 com Daniel Berg e Gunnar Vingren. Estas duas igrejas tiveram o campo brasileiro para si durante 40 anos, pois suas “irmãs” eram quase inexpressivas. A CCB, após um grande êxito inicial, se estagnou enquanto a AD se expandiu geograficamente.<sup>186</sup>

A segunda fase pentecostal deu-se entre os anos de 1950 a 1960, numa fragmentação pentecostal surgindo novas igrejas como Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) em 1951, a igreja O Brasil para Cristo em 1955 e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) no ano de 1962<sup>187</sup>. Nessa fase, a partir da década de 60, surgiram os movimentos de renovação dentro das denominações evangélicas. Desde 1950, as Assembleias de Deus já configuravam como a maior denominação evangélica no Brasil, porém, visceralmente fragmentada.<sup>188</sup>

A terceira e última fase iniciou-se no fim da década de 70 ganhando força no início de 1980. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977, seguida pela Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) no ano de 1980. Essas igrejas trazem uma nova roupagem para o pentecostalismo na inserção social e fazem surgir um novo nome para seu *modus vivendi*, o neopentecostalismo<sup>189</sup>.

Nada obstante tal classificação ser amplamente adotada, defendida e estudada, Oliveira e Terra defendem a classificação em três ondas não é capaz de atender à complexidade do fenômeno pentecostal.<sup>190</sup>

<sup>185</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 266.

<sup>186</sup> PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. Origem do movimento pentecostal no Brasil: Assembleia de Deus de 1910 a 1950. *Revista de Teologia*, n. 2, 2021, p. 235-249. p. 237.

<sup>187</sup> PEREIRA, 2021, p. 237.

<sup>188</sup> ALENCAR, 2012, p. 38.

<sup>189</sup> PEREIRA, 2021, p. 238.

<sup>190</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 14.

Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Paz e Vida, Comunidades Evangélicas e muitas outras<sup>191</sup>. Souza também fornece explicações a respeito das fases do pentecostalismo brasileiro:

No princípio, o pentecostalismo desenvolveu a busca dos carismas do Espírito Santo como sendo recursos indispensáveis para o crescimento interno da espiritualidade da igreja e para a tarefa da evangelização. Depois, a ênfase foi direcionada para a cura e a libertação como efeitos da operação do Espírito Santo. Nesse período, foram notáveis as grandes concentrações públicas de cura divina acompanhadas de sessões de exorcismo. Já o pentecostalismo da década de 80 adicionou ao leque variado de 'prestação de serviços', a prática advinda da crença de que a operação do Espírito Santo liberta da pobreza, da miséria e da opressão demoníaca que provocam distúrbios na vida das pessoas e nas relações sociais.<sup>192</sup>

No Brasil, nas três últimas décadas, as igrejas pentecostais conquistaram visibilidade nacional. Têm atraído para os seus redutos centenas de milhares de pessoas e despertado a sociedade brasileira para a emergência de uma possível força social capaz de influenciar significativamente, não apenas o quadro religioso, mas também o social e o político do país<sup>193</sup>. A Igreja Assembleia de Deus é uma igreja pentecostal centenária, destacando-se no campo religioso brasileiro como a maior denominação evangélica do país.

Eduardo Alves aponta alguns fatores que influenciaram o crescimento do pentecostalismo no Brasil. O autor argumenta que a religiosidade pentecostal no Brasil se desenvolveu em uma cultura de pobreza e desigualdade social, que criou condições para que a religião pudesse prosperar. Ainda, destaca que a teologia pentecostal se conecta com a cultura brasileira, que é fortemente influenciada pelo catolicismo popular e pelos cultos afro-brasileiros. O pentecostalismo, portanto, tem elementos que são familiares para os brasileiros, e isso ajudou a torná-lo atraente para muitas pessoas.<sup>194</sup>

O moderno movimento pentecostal é considerado por muitos estudiosos o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século XX, e até mesmo um dos mais marcantes de toda a história da igreja. Isso porque, em relativamente poucas décadas, as igrejas pentecostais reuniram uma significativa quantidade de fiéis em praticamente todos os continentes, totalizando, segundo cálculos de especialistas, cerca de meio bilhão de adeptos ao redor do mundo, segundo informações do ano de 2006.<sup>195</sup>

---

<sup>191</sup> MATOS, 2006, p. 39.

<sup>192</sup> SOUZA, 2004, p. 21.

<sup>193</sup> SOUZA, 2004, p. 11.

<sup>194</sup> ALVES, 2021, p. 34.

<sup>195</sup> MATOS, 2006, p. 24.

As igrejas pentecostais “têm ganhado singular espaço no campo religioso brasileiro e internacional, devido ao forte investimento nos meios de comunicação e em discursos sedutores, além de uma forma mais laica de encarar a vivência religiosa”.<sup>196</sup>

Nota-se, portanto, que o movimento pentecostal adquiriu contornos significativos ao longo da história, exercendo atualmente grande destaque no cristianismo, em todos os continentes do mundo. Tal fenômeno tem suas peculiaridades próprias, e é considerado um movimento revolucionário, que proporcionou inúmeras contribuições para o fenômeno religioso.

De acordo com Eduardo Alves, o pentecostalismo brasileiro mudou desde que foi introduzido no país na década de 1910. Ele descreve como o pentecostalismo clássico, que se concentra em experiências místicas e curas divinas, deu lugar a uma forma mais institucionalizada de pentecostalismo, que se preocupa com a organização da igreja e com a busca de poder político.<sup>197</sup>

Assim, o presente capítulo dedicou-se ao estudo do movimento pentecostal no Brasil e no mundo, destacando a participação e importância de Gunnar Vingren. Além disso, para que fosse possível compreender o movimento pentecostal brasileiro sob a perspectiva da participação de Vingren, traçou-se uma análise cronológica da vida pessoal de Gunnar Vingren, de maneira a compreender suas motivações, sua história, seus ideais e suas conquistas.

Após essa exposição, o próximo capítulo será dedicado ao estudo das obras e ideias de Gunnar Vingren, relacionando-as com o momento do movimento pentecostal vivenciado por ele. Ainda, será feito um estudo de forma a identificar em qual fase da hermenêutica pentecostal podem ser enquadradas as obras de Vingren.

Pelo exposto, observa-se que o pentecostalismo brasileiro teve início com a atuação de missionários estrangeiros, com destaque para Gunnar Vingren. Essa, portanto, é a grande contribuição do sueco missionário para o movimento pentecostal no Brasil. Importa mencionar que as contribuições de Vingren para o pentecostalismo e para a hermenêutica pentecostal serão objetos de estudo em capítulo próprio.

---

<sup>196</sup> DIAS, 2018, p. 88.

<sup>197</sup> ALVES, 2021, p. 49.

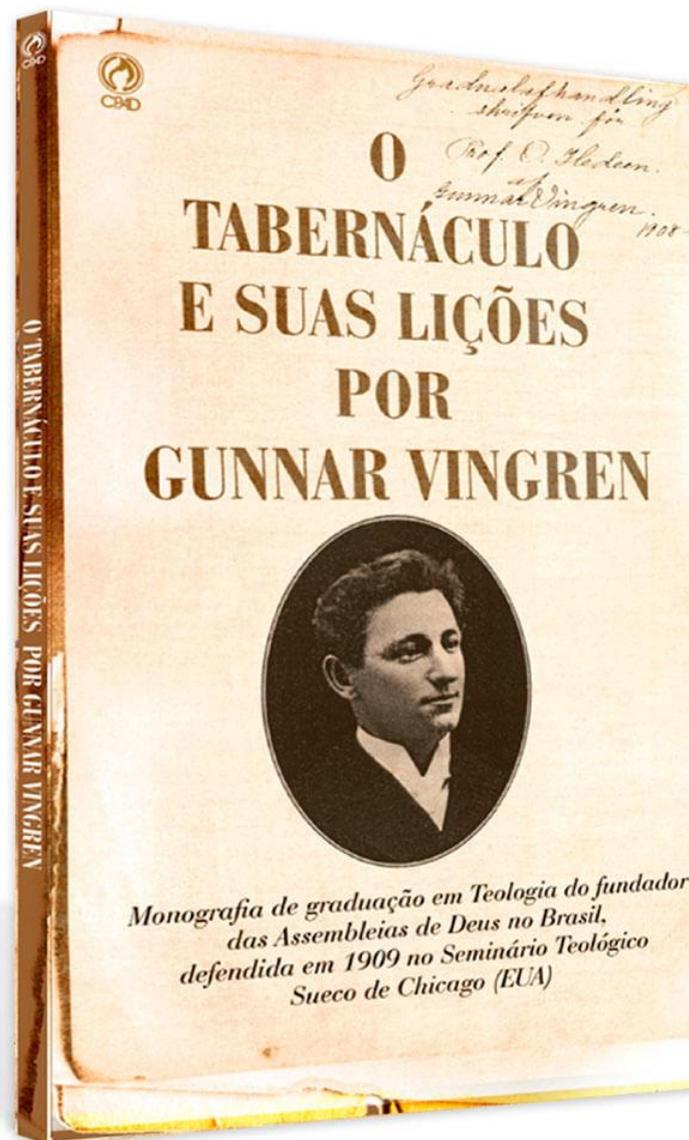
### 3 A HERMENÊUTICA DE GUNNAR VINGREN EM SUA MONOGRAFIA: O TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES

O presente capítulo tem a finalidade de analisar qual é a relação entre a interpretação da Bíblia pelos pentecostais modernos com as ideias de Gunnar Vingren, pretendendo demonstrar as contribuições das ideias de Vingren para que essa interpretação seja conduzida da forma como é realizada. Para tanto, faz-se necessário compreender, primeiramente, as ideias principais de Gunnar Vingren para, posteriormente, identificar quais traços da hermenêutica pentecostal desse pentecostalista encontram-se presentes na hermenêutica pentecostal moderna, bem como classificar a hermenêutica de Vingren.

#### 3.1 As principais ideias defendidas por Gunnar Vingren

O presente tópico foi elaborado utilizando como base a monografia de graduação em Teologia de Gunnar Vingren, defendida no ano de 1909 no Seminário Teológico Sueco de Chicago (EUA). A finalidade é analisar as principais escritas e ideias de Vingren, dispostas na referida obra, com vistas a proporcionar a identificação das contribuições do pentecostalista para a leitura e interpretação bíblica contemporânea, bem como apontar em que fase da hermenêutica pode ser enquadrada a hermenêutica pentecostal de Gunnar Vingren.

Em 31 de maio de 2010, uma cópia da monografia foi doada ao Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (Cemp). Com relação aos aspectos gerais desse documento, ele possui 81 laudas da maneira como foi publicada, entretanto, o texto escrito por Gunnar Vingren tem início apenas na página 27. Ainda, a linguagem empregada no texto é clara e objetiva, fato que caracteriza as leituras pentecostais.

Figura 01 – Capa do livro “O Tabernáculo”<sup>198</sup>

O livro é composto de 17 capítulos que cobrem todos os aspectos do tabernáculo, incluindo sua estrutura, os utensílios usados no seu culto, o significado dos sacrifícios e ofertas apresentados, a simbologia da arca da aliança, entre outros temas. Cada capítulo é detalhado e embasado em referências bíblicas e teológicas que ajudam a compreender as nuances do tabernáculo e sua relação com a fé cristã. O livro é dividido da seguinte maneira, conforme estabelecido no sumário:

<sup>198</sup> EDITORA CPAD. [online].

- 1 – As razões para a construção do Tabernáculo
- 2 – A época e as circunstâncias em torno da construção do Tabernáculo
- 3 – As pessoas incumbidas de construir o Tabernáculo

#### I - 1. A coleta para o Tabernáculo

- a) O procedimento;
  - b) O material
2. A construção
  3. Partes integrantes e utensílios
    - a) O altar;
    - b) A bacia;
    - c) O candelabro;
    - d) A mesa com os pães da proposição;
    - e) O altar dos incensos;
    - f) A arca da aliança
  4. A morada do Senhor
  5. As ofertas
    - a) As ofertas com sangue;
    - b) As ofertas sem sangue
  6. Deveres e atribuições dos sacerdotes
    - a) No que diz respeito aos sacerdotes;
    - b) No que diz respeito ao povo.

#### II. Comparações e contraposições ao Tabernáculo

1. Cristo (Hb 10.19-25; 8.2; 9.11).
2. Todo o caminho da salvação divina.
  - a) O átrio (pátio) — os que são salvos fora da igreja;
  - b) A tenda do Testemunho — a igreja cristã (Hb 9.8-10);
  - c) A bacia — o batismo nas águas;
  - d) O candelabro — a Palavra de Deus (Jo 1.1);
  - e) A mesa com os pães da proposição — a ceia do Senhor,
  - f) O altar dos incensos — a oração (Hb 4.16);
  - g) A arca da aliança — o trono da graça

### 3. O santuário celestial (Ap 13.6; 21.3; 15.5; Hb 8.5; 2 Co 5.1,2)

#### Conclusão

1 – A possibilidade e a bênção de assistirmos ao Senhor guiando, passo a passo, o seu povo em obediência ou desobediência.

2 - Os benefícios de termos recebido contraposições ao Tabernáculo.

O livro explora o significado simbólico do tabernáculo, uma das principais estruturas da religião judaica descrita na Bíblia, e, como ele apontaria para Jesus Cristo e sua obra salvadora. Vingren analisa cada parte do tabernáculo e seu propósito, incluindo o átrio, o lugar santo e o lugar santíssimo. Ele também fala sobre os utensílios usados no tabernáculo e como eles se relacionam com a obra de Cristo.

No livro *O Tabernáculo e suas lições*, Vingren enfatiza a importância da fé em Jesus Cristo e da santidade de vida. Ele argumenta que o tabernáculo era um lugar sagrado e que os cristãos devem buscar a santidade e a pureza para se aproximar de Deus.

Primeiramente, Vingren inicia sua monografia afirmando que a construção do Tabernáculo era determinação de Deus, ou seja, leva em conta um aspecto mais subjetivista, como resultado de uma experiência religiosa com um forte apelo simbólico. O autor esclarece que Tabernáculo é utilizado no sentido de “tenda, casa ou morada com a conotação bíblica de um lugar sagrado”.<sup>199</sup> Para Vingren, o Tabernáculo foi construído por ordem divina:

Deus sabia que, se os filhos de Israel não tivessem normas definidas para os seus cultos sagrados, logo se tornariam pagãos, adorando deuses que jamais estariam ao lado deles para socorrê-los. O que seria deles sem o respeito pelo único e verdadeiro Deus? Como poderiam amá-lo se, para tanto, não adquirissem o conhecimento necessário?

Foi então que Deus ordenou a construção do Tabernáculo – um templo em que Ele pudesse assegurar a sua presença, onde pudesse ser revelado e adorado pelos seus filhos, um templo onde aprenderiam a amá-Lo – uma miniatura que lhes daria a noção da sua verdadeira e grandiosa morada, aquela que não é construída com as mãos do homem, mas sim com a sua palavra onipotente.<sup>200</sup>

Assim, Vingren explora como o tabernáculo é uma representação simbólica da obra salvífica de Cristo, com cada detalhe apontando para o sacrifício e a salvação através de Jesus Cristo e argumenta que o tabernáculo é uma estrutura sagrada e que seu simbolismo é essencial para entender a obra redentora de Deus.

<sup>199</sup> VINGREN, Gunnar. *O Tabernáculo e suas lições*: monografia de graduação em Teologia do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, defendida em 1909 no Seminário Teológico Sueco de Chicago (EUA). Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 27.

<sup>200</sup> VINGREN, 2011, p. 34.



Contudo, logo o Senhor o confortou, prometendo que estaria sempre ao seu lado, orientando-o por meio de milagres e sinais.<sup>203</sup>

Além disso, *O Tabernáculo* enfatiza a importância da santidade e da pureza de vida para se aproximar de Deus. Vingren acredita que a construção e o uso do tabernáculo mostram a santidade de Deus e a necessidade do ser humano de se aproximar Dele através de uma vida santificada.<sup>204</sup>

A obra possui diversos detalhes do que está sendo relatado. Como exemplo, cita-se o capítulo em que Vingren descreve o Tabernáculo:

E, muitos artífices foram convocados para executar a obra do Senhor — o Tabernáculo com suas duas coberturas, a mesa com os varais e seus utensílios, os pães, o candelabro com seus apetrechos, o azeite para acender as luzes, a arca com seus varais e o propiciatório, os véus, as colunas, o altar de incensos, o altar dos holocaustos com sua grelha de cobre e seus utensílios, a cobertura da porta na entrada da tenda, as cortinas na entrada do átrio, os pregos, as cordas, as tábuas com suas bases, as vestes sacerdotais para Arão e seus filhos designados pelo Senhor para o oficiarem como sacerdotes. E vieram os filhos de Israel, homens e mulheres com as suas doações: brincos, braceletes, vasos de ouro, anéis, colares, joias de ouro, objetos de cobre e prata. Ofereciam de coração o que lhes fora solicitado para a elevação da tenda da congregação, para o ministério dos ofícios e para a confecção das vestes santas.<sup>205</sup>

Os detalhes são descritos de modo de Vingren mostre a grandiosidade do Tabernáculo. Afirma o autor, nesse cenário, que tudo que Deus faz deve ser visto como grandioso, pois os seus pensamentos são mais elevados que os nossos e os seus caminhos estão acima dos nossos. Toda nossa sabedoria e conhecimento são dádivas de Deus.

Vingren, como bom pentecostalista que era, faz uso e abuso de métodos interpretativos alegóricos, tipológicos e simbólicos em sua leitura bíblica a respeito do Tabernáculo. Embora a alegoria não seja apropriação exclusiva da hermenêutica pentecostal, pois é usada desde a Era dos Pais da Igreja, mas o pentecostalismo tem por marca característica a interpretação apropriada pela experiência de imediato, ou seja, o pentecostal ler o texto bíblico e o interpreta imediatamente mediante a sua experiência própria, sem muita preocupação exegética.

A respeito do significado do Tabernáculo para Gunnar Vingren, ele mesmo o interpreta:

O Tabernáculo do Antigo Testamento era sagrado assim como Cristo também o é, através do Espírito Santo. Assim como o Tabernáculo do Antigo Testamento

<sup>203</sup> VINGREN, 2011, p. 37

<sup>204</sup> VINGREN, 2011, p. 47-50.

<sup>205</sup> VINGREN, 2011, p. 36.

foi construído por ordem divina, Cristo foi enviado para ser o Salvador dos homens – o tabernáculo espiritual de Deus.<sup>206</sup>

Para Vingren, nada passava em branco, nenhum objeto se encontrava ali por acaso, e tudo quanto estava presente no Tabernáculo era simbolicamente ressignificado, tipologicamente aplicado à Cristo ou à sua obra para trazer algum ensinamento espiritual. E o próprio reconhecia o que fazia, ele dizia: “as analogias com a função do átrio na tenda do Testemunho são muitas”<sup>207</sup>. Uma hora o átrio do Tabernáculo era “o caminho da salvação”<sup>208</sup>, outrora representava a “todos os redimidos que não estão dentro da congregação”<sup>209</sup> e por fim era representada pela “a igreja cristã que recebeu de Deus suas normas e seus mandamentos”<sup>210</sup>.

Ou seja, a partir do momento que o método interpretativo é passível de alegorias e simbolismos, os significados passam a serem infinitos e o resultado dessa interpretação se torna refém da imaginação daquele que exerce o poder de comunicação. O autor do texto bíblico pode dizer o que eu quiser que ele diga, desde que eu imagine algo que conecte espiritualmente com aquilo que ele realmente disse.

Enfim, em diversas outras passagens são explicações tipológicas para cada objeto presente no Tabernáculo e seu respectivo significado espiritual. Como por exemplo, sobre a bacia com água que ficava em frente a tenda e, na água, Arão e seus filhos limpavam seus pés e suas mãos antes de adentrarem o santuário para que não morressem. Vingren explica que o batismo é a forma pela qual o cristão ingressa na Igreja de Deus, o que demonstra a valorização desse fenômeno. Para Vingren, aquele que crê e recebe o batismo será salvo, sendo que o batismo nas águas constitui, portanto, uma pré-condição para entrarmos em uma igreja, da mesma forma que o lavar dos pés e das mãos com a água · da bacia era uma pré-condição para o sacerdote entrar na tenda do Testemunho.<sup>211</sup>

Dessa maneira, observa-se que, na obra, Vingren destaca as principais características do pentecostalismo, como a experiência do batismo no Espírito Santo; a cura divina, a manifestação dos dons espirituais. "O Tabernáculo" é um livro que se destaca pela profundidade do seu estudo e pela riqueza de detalhes na exploração dos simbolismos bíblicos. Vingren, como estudioso e líder religioso pentecostal, usa seu conhecimento

---

<sup>206</sup> VINGREN, 2011, p. 75.

<sup>207</sup> VINGREN, 2011, p. 75.

<sup>208</sup> VINGREN, 2011, p. 75.

<sup>209</sup> VINGREN, 2011, p. 75.

<sup>210</sup> VINGREN, 2011, p. 76.

<sup>211</sup> VINGREN, 2011, p. 77.

teológico para explicar a importância do tabernáculo para a compreensão do cristianismo e a sua relação simbólica com a salvação em Jesus Cristo.

### 3.2 A relação entre a hermenêutica pentecostal e os ideais de Gunnar Vingren

Como visto, o pentecostal crê que seja possível julgar espiritualmente as coisas deste mundo, é imprescindível para o pentecostal o auxílio do Espírito Santo. Pois, por meio do poder regenerador da Palavra de Deus e com a ajuda do Espírito, o crente é habilitado a considerar a realidade em sua volta na perspectiva do Senhor<sup>212</sup>. Como explica David de Oliveira, os pentecostais interpretam a Bíblia de maneira diversa dos protestantes, uma vez que essa interpretação não leva em consideração a escolarização ou intelectualização da fé, mas sim as experiências místicas com o texto.<sup>213</sup>

Acreditam na inspiração divina, no sentido de que os textos bíblicos foram escritos por pessoas que tiveram uma experiência direta com Deus mediante a manifestação do Espírito Santo<sup>214</sup>. Importante mencionar que a compreensão da experiência remete à ideia de que “o ser humano é ativo na busca do experimentar aquilo que lhe é externo, e dessa forma desconhecido dele. Ainda assim, supõe-se a ideia de algo que ele pode controlar, pois, é sujeito ativo, o sujeito que vai em busca do conhecimento, de um mistério, de tocar aquilo que lhe transcende”<sup>215</sup>.

A essência do pentecostalismo pode ser considerada a crença no Jesus que salva, cura, batiza com o Espírito Santo e que breve retornará. Nesse sentido, o Espírito Santo é uma “pessoa”, presente no fiel e na Igreja, capaz de animar, alegrar, exortar, consolar, convencer<sup>216</sup>. Além disso, o pentecostalismo oferece respostas imediatas às necessidades materiais e emocionais das pessoas, o que contribui para sua popularidade.<sup>217</sup>

Há, portanto, a significativa valorização da experiência e da vivência na interpretação bíblica. O pentecostalismo tem se tornado mais do que uma posição teológica restrita a questões pneumatológicas; ele tem se constituído num sistema de crenças e valores

<sup>212</sup> COSTA, 2022, p. 80.

<sup>213</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *Rever*, São Paulo, a. 17, n. 2, p. 121-140, 2017, p. 128.

<sup>214</sup> BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil. *Rever*, São Paulo, a. 12, n. 1, p. 9-30, 2012, p. 21.

<sup>215</sup> LIMA, Daniel Barros de. *Primórdios da doutrina pentecostal na imprensa: representações de fé e de práticas nos jornais da Assembleia de Deus (1919-1933)*. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2020, p. 60.

<sup>216</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 31.

<sup>217</sup> ALVES, 2021, p. 34.

que dão forma a uma cosmovisão que, sob o poder do Espírito, rejeita todo sistema mundano.<sup>218</sup>

A hermenêutica pentecostal oferece aos indivíduos uma linguagem religiosa simples e de fácil entendimento, enfatizando o emocional e o experiencial, permitindo que sejam acolhidas as mais diferentes classes sociais, inclusive os mais pobres. O pentecostalismo, mediante essa interpretação da Bíblia, defende e adota a busca pela presença manifesta de Deus nos cultos e na vida devocional; busca pelos dons do Espírito Santo.<sup>219</sup>

Nesse sentido, “o viés da experiência confere uma distinção a essa relação com o texto sagrado, pois que promove interiorização e apropriação da Palavra (oralizada e performatizada) e ao mesmo tempo, projeta a Palavra para o exterior, ressignificando o mundo ao seu redor”<sup>220</sup>.

Com a criação da Assembleia de Deus no Brasil, o movimento pentecostal “desenvolveu uma forte experiência religiosa com um forte apelo simbólico e se pronunciou como uma voz de protesto à frieza litúrgica das igrejas institucionais que existiam à época”<sup>221</sup>. Corroborando com essa ideia, Florêncio Galindo aduz que o pentecostalismo representa um “tipo de cristianismo” que não se interessa pela doutrina, tendo em vista que se encontra centrado no emocional, na vivência, na experiência e no sobrenatural.<sup>222</sup>

Assim, o pentecostalismo faz uma leitura mistificada do livro de Atos dos Apóstolos, texto bíblico que é usado por todo o movimento pentecostal como confirmação da “herança apostólica pentecostal”. Nesse livro é relatado o episódio conhecido como “Dia de Pentecoste” no qual, segundo relatos, ocorreram as primeiras manifestações de línguas, que deram surgimento ao fenômeno pentecostal<sup>223</sup>. É importante lembrar que a interpretação das Escrituras é influenciada por uma série de fatores, incluindo o contexto cultural, social e teológico em que a interpretação é realizada.

Ao longo dos anos, muitos líderes pentecostais e teólogos desenvolveram abordagens mais sofisticadas de interpretação bíblica, que levam em consideração o contexto histórico, literário e cultural das Escrituras. Além disso, muitos pentecostais enfatizam a importância da formação teológica e acadêmica para a interpretação bíblica.

---

<sup>218</sup> COSTA, 2022, p. 81.

<sup>219</sup> GOMES, 2020, p. 12.

<sup>220</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 129.

<sup>221</sup> GOMES, 2020, p. 11.

<sup>222</sup> GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 191.

<sup>223</sup> ALENCAR, 2012, p. 66.

De acordo com Daniel Chiquete, o pentecostalismo pode ser considerado como sendo uma expressão religiosa muito sensível ao contexto social e cultural, motivo pelo qual a celebração do culto é tanto um acontecimento religioso como um evento social. Outro aspecto do pentecostalismo, ressaltado pelo autor, é a sua oralidade, no qual a palavra manifestada oralmente é mais valorizada do que a palavra escrita. Ressalta ainda que a mensagem pentecostal apresenta significativo poder comunicativo, baseado em experiências espirituais concretas e transformações de vidas. Defende-se, portanto, que o pentecostalismo não deve vincular-se a nenhuma normatização em sua relação com o Espírito Santo, pois ela precisa basear-se nas experiências ouvidas e transmitidas no meio de suas comunidades. Deve seguir sendo uma pneumatologia espiritual: de falar e ouvir, cuja sistematização não signifique substituição, mas aprofundamento.<sup>224</sup>

Exemplo dessa interpretação bíblica pentecostal é exposta por Walter Pereira, em sua dissertação de mestrado em Teologia. Afirma que Elienai Cabral defende a crença na Bíblia como revelação escrita de Deus, na qual todas as suas palavras possuem uma inspiração verbal e plenária, e são dotadas de autoridade divina (infallibilidade) e humana (cerca de 40 escritores).<sup>225</sup>

No que tange à pregação das igrejas, em conformidade com a sua hermenêutica, as adorações são marcadas pela espontaneidade e informalidade, pregação mais subjetiva e menos hermenêutica, espaço para a manifestação dos dons espirituais<sup>226</sup>. Ainda, destaca-se a valorização e relevância da música na adoração (a música desempenhou um papel importante nos cultos pentecostais de Gunnar Vingren e seus seguidores. Eles acreditavam que a música era uma forma poderosa de louvor e adoração a Deus e que ajudava a preparar as pessoas para a experiência do Espírito Santo).<sup>227</sup>

O pentecostalismo clássico, marcado principalmente pelo surgimento da Assembleia de Deus, aparece contra as estruturas eclesiais da época e se revela como uma nova maneira de experimentar o sagrado. Trata-se de um modelo onde a experiência de fé é mais importante do que a compreensão sistemática e racional. Existe um universo simbólico que se torna a expressão da preocupação última e incondicional de um povo deserdado. Possui origem, assim, uma nova forma da religião, com uma linguagem simbólica própria, que irá

---

<sup>224</sup> CHIQUETE, Daniel. Por los caminos de Espíritu: Esbozo de pneumatologia pentecostal desde la Carta a los Gálatas. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2009, p. 124-125.

<sup>225</sup> PEREIRA, 2011, p. 65.

<sup>226</sup> ALENCAR, 2012, p. 77.

<sup>227</sup> BINOTI, Janete Jâne. A música pentecostal: um estudo de caso na sede da igreja Assembleia de Deus de Brusque, Santa Catarina. *Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 5, n. 1, p. 79-95, 2017, p. 83.

dar um novo significado e valorizar os elementos corpóreos e tangíveis da experiência religiosa.<sup>228</sup>

O falar em línguas também é uma característica do pentecostalismo. Assim, “falar em línguas em estado de êxtase passa a ser um padrão para a espiritualidade cristã que se pratica de forma pessoal nos momentos de orações intensas ou mesmo no culto público”<sup>229</sup>.

Pode-se afirmar que os pentecostais valorizam as narrativas de milagre, as expressões de intervenção do Espírito Santo e os indícios de sobrenaturalismo nos textos bíblicos como lugares privilegiados para construção de sua teologia, fato que exige a análise da hermenêutica pentecostal. Além disso, destaca-se o livro de Atos dos Apóstolos como fonte importante para as representações pentecostais e a "experiência" como auxiliar na leitura das narrativas do livro de Lucas, as quais, por sua vez, alimentam as práticas e estas, retroativamente, são alimentadas pelas narrativas. A experiência aqui citada pode ser caracterizada como expressões extáticas, através das quais se acessa o texto, sempre em performance comunitária.<sup>230</sup>

Diante desse cenário, levando em consideração também o que foi explicado nos capítulos anteriores, passa-se à análise das contribuições de Vingren e da classificação de sua hermenêutica em uma das fases já expostas.

É possível verificar, na obra de Gunnar Vingren, que o autor defende e explicita as principais características do pentecostalismo, quais sejam, a valorização das experiências e vivências, a experiência do batismo e com o Espírito Santo. Importante mencionar ainda que, conforme descrito na biografia de Vingren, o pentecostalista recebeu o batismo com o Espírito Santo e falou em línguas, defendendo ambos os fenômenos em suas pregações, inclusive em terras brasileiras.

Por todo o exposto, foi possível verificar, também, que Vingren foi um homem dedicado, corajoso e comprometido com a pregação do evangelho, mesmo em meio a muitas dificuldades e perseguições, conforme destaca Douglas Baptista.<sup>231</sup>

As características do pentecostalismo de Gunnar Vingren são semelhantes às do movimento pentecostal em geral, que enfatiza a experiência do batismo no Espírito Santo e a manifestação dos dons espirituais, como línguas estranhas, cura divina e profecia. Algumas das características específicas do pentecostalismo de Gunnar Vingren incluem:

---

<sup>228</sup> GOMES, 2020, p. 79.

<sup>229</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 37.

<sup>230</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 26.

<sup>231</sup> BAPTISTA, 2017, p. 52.

ênfase na autoridade bíblica; ênfase na experiência do batismo no Espírito Santo e busca por avivamento espiritual (Vingren acreditava que a igreja precisava experimentar um novo avivamento espiritual e que isso poderia ser alcançado através da oração, do estudo da Bíblia e da busca pela experiência do batismo no Espírito Santo)<sup>232</sup>; ênfase na missão evangelística para a expansão do reino de Deus.

Outras características podem ser citadas: ênfase na cura divina (acreditava-se que Deus realizava milagres e curas divinas e que a fé dos crentes era fundamental para receber essas bênçãos); manifestação dos dons espirituais (os pentecostais acreditavam que os dons espirituais mencionados na Bíblia, como falar em línguas estranhas, profecia e cura, eram para os dias de hoje e deveriam ser buscados pelos cristãos); evangelização e missões (o pentecostalismo enfatizava a importância de evangelizar e levar a mensagem do evangelho a todos, especialmente aos não alcançados e marginalizados da sociedade); autonomia local (a Assembleia de Deus, fundada por Gunnar Vingren e outros líderes, defendia a autonomia das igrejas locais, sem um controle centralizado por parte da liderança nacional).<sup>233</sup>

Em decorrência dessas ideias, a hermenêutica de Vingren encontra-se inserida na fase da hermenêutica pentecostal pré-moderna, que compreende os anos de 1900 a 1940. Como visto, a hermenêutica desenvolveu-se e testemunhou diversas fases de aplicação metodológica e formas de aproximação do texto, ou seja, “não há uma única hermenêutica pentecostal, mas diversas, que disputaram na história do pentecostalismo sua plausibilidade e gerara variados grupos interpretativos legítimos dentro da tradição pentecostal”<sup>234</sup>.

A hermenêutica pentecostal pré-moderna refere-se à abordagem interpretativa da Bíblia Sagrada adotada pelos primeiros líderes pentecostais no início do século XX. A hermenêutica pentecostal pré-moderna enfatizava a leitura literal da Bíblia e a importância da experiência espiritual como um fator fundamental na interpretação das Escrituras. Os pentecostais acreditavam que o Espírito Santo iluminava as mentes dos crentes e os ajudava a entender a vontade de Deus através da leitura da Bíblia.<sup>235</sup>

Ainda, nessa fase da hermenêutica, defendia-se a perspectiva escatológica da Bíblia, ou seja, a crença na iminência do retorno de Cristo e no estabelecimento de seu reino. Os pentecostais viam os sinais do fim dos tempos em eventos contemporâneos e acreditavam que o Espírito Santo os estava preparando para o retorno de Cristo. Outro aspecto importante

---

<sup>232</sup> BAPTISTA, 2017, p. 23.

<sup>233</sup> BAPTISTA, 2017, p. 41.

<sup>234</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 41.

<sup>235</sup> LEE, 2016, p. 5.

dessa hermenêutica era a ênfase na experiência pessoal de salvação e na vida cristã transformadora. Os pentecostais acreditavam que a Bíblia era relevante para a vida cotidiana e que a fé cristã deveria ser vivida de forma prática e dinâmica.<sup>236</sup>

Essa abordagem interpretativa da Bíblia teve um impacto significativo na formação da teologia e da prática pentecostal, e ajudou a estabelecer a base doutrinária e espiritual das primeiras igrejas pentecostais. Ainda, a hermenêutica pentecostal pré-moderna enfatizava a leitura literal da Bíblia e a importância da experiência pessoal e espiritual na interpretação das Escrituras. A Bíblia era vista como a palavra inspirada de Deus, mas sua interpretação não devia ser limitada a uma abordagem acadêmica ou intelectual, mas também incluía a dimensão da experiência espiritual.

Faz-se necessário uma breve crítica ao modelo interpretativo de sentido literalista e reconhecer suas devidas limitações, bem como suas consequências mais comuns que são desembocadas em diversas formas de fundamentalismos. É imprescindível que esse termo seja usado no plural, porque existem diferentes fundamentalismos. Sua origem histórica encontra-se no universo religioso, entretanto, a sua abrangência na sociedade atual ultrapassa esse universo e ocupa o espaço da política e da economia, carregando consigo um traço claramente ideológico. Ter consciência de sua pluralidade é resguardar as várias especificidades que o fenômeno vem produzindo.<sup>237</sup>

Na tentativa de ser antimodernista, a interpretação literalista acaba sendo “anti-hermenêutica”<sup>238</sup>, visto que, para que seu ponto de vista seja sustentado, sua leitura bíblica ultrapassa os limites e as regras básicas da hermenêuticas que um texto requer para ser interpretado. Portanto, o literalista/fundamentalista nesta perspectiva, está convicto de que sua forma é a única capaz de se apreender a verdade absoluta, e ninguém mais poderá chegar à verdade. Esta compreensão gera intolerância e desprezo do outro e das outras maneiras de compreender a verdade, provocando, inclusive, práticas violentas.<sup>239</sup>

O fundamentalismo como movimento originário do método interpretativo literalista da Bíblia, surge como contraponto à uma teologia que quer entrar em diálogo com a modernidade no final do século XIX e começo do século XX. Essa teologia, ficou conhecida como teologia liberal, e seu postulado fundamental era:

---

<sup>236</sup> STRONSTAD, 2020, p. 56.

<sup>237</sup> PANASIEWICZ, Roberlei. *Fundamentalismo Religioso: História e presença no Cristianismo*. In: Educadores. [online].

<sup>238</sup> MARTY. O que é fundamentalismo: perspectivas teológicas. Concilium, Petrópolis, v. 241, n. 3, 1992, p. 16.

<sup>239</sup> PANASIEWICZ, 2010, p. 4.

‘O cristianismo deve reconciliar-se com o mundo moderno, isto é, com o seu naturalismo científico, com o seu racionalismo moral, com a sua democracia política. O cristianismo deve assimilar todo o valor positivo da modernidade, o que o tornará mais puro, mais autêntico’. Nesta busca de tornar o cristianismo moderno irão usufruir de todo racionalismo possível para interpretá-lo de forma que passe a dizer algo significativo, não contraditório e verdadeiro a este novo homem e a esta nova mulher moderna.<sup>240</sup>

Diante disso, teólogos protestantes conservadores, muitos originários do puritanismo inglês, se posicionam contrários à teologia liberal e à utilização do método histórico-crítico para a interpretação dos escritos bíblicos. Em 1895, em Niagara Falls, os teólogos conservadores afirmaram solenemente os pontos que servirão, posteriormente, como base do fundamentalismo.<sup>241</sup>

Para esses teólogos literalistas, o método histórico-crítico utilizado pelos teólogos liberais colocava em risco as verdades afirmadas e defendidas pelo cristianismo durante todos os séculos. Entre os anos de 1909 e 1915, foi publicada uma série de volumes com o título *The Fundamentals: A Testimony to the Truth* (Os Fundamentos: A Testemunho da Verdade), é o título desta coleção que irá qualificar esse movimento de fundamentalista, pois ele quer fixar os fundamentos da fé cristã.<sup>242</sup>

O conteúdo publicado nesses volumes, se resumem em nove pontos que caracterizam a crença bíblica para as fundamentalistas:

- 1) a inspiração e a inerrância da Bíblia;
- 2) a Trindade;
- 3) o nascimento virginal de Cristo;
- 4) a queda do homem e o pecado original;
- 5) a morte expiatória de Cristo para a salvação dos homens;
- 6) a ressurreição corporal e ascensão;
- 7) o retorno pré-milenar de Cristo;
- 8) a salvação pela fé e o novo nascimento;
- 9) o juízo final.<sup>243</sup>

Para os fundamentalistas, esses pontos representam verdades que devem ser aceitas e não debatidas, pois estão na Bíblia, e tudo que está na Bíblia foi inspirado por Deus e não contém erros.<sup>244</sup> A doutrina da inspiração e inerrância bíblica, também era compartilhada entre os primeiros pentecostais, embora não fossem refinados teologicamente quanto aos

<sup>240</sup> PANASIEWICZ, 2010, p. 5.

<sup>241</sup> PANASIEWICZ, 2010, p. 6.

<sup>242</sup> PANASIEWICZ, 2010, p. 6.

<sup>243</sup> SCHWEITZER, Louis. O fundamentalismo protestante. In: ACAT. *Fundamentalismos integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 34.

<sup>244</sup> PANASIEWICZ, 2010, p. 6.

protestantes fundamentalistas, a hermenêutica bíblica pentecostal pré-moderna está repleta de interpretação de sentido literal.

Quanto ao sentido literal e o sentido literalista de interpretação fundamentalista, Guilherme de Carvalho nos faz uma importante observação:

Interpretar literalmente a Escritura é interpretar cada texto de acordo com a intenção do seu autor e à luz de toda a Escritura Sagrada. Isso significa que precisamos dar atenção ao gênero literário e à estrutura de cada texto, para determinar sua intenção. Se um texto é, por exemplo, uma prosa, seus elementos narrativos devem ser tomados literalmente (é o caso, por exemplo, do evangelho de Lucas); se é uma parábola, sua narrativa pode ser puramente fictícia (como as parábolas de Jesus). Literalismo é a prática de tratar toda a Escritura de um modo uniforme, mesmo o gênero literário nos sugere outra leitura.<sup>245</sup>

Sendo assim, a hermenêutica bíblica pentecostal de Gunnar Vingren, composta de simbolismos, alegorias espirituais e interpretações literalistas se remete ao período da história da hermenêutica pentecostal pré-moderna que desenvolveu nos Estados Unidos. Por ser missionário e pioneiro desse movimento no Brasil, o pentecostalismo brasileiro cresce com a herança interpretativa de Vingren sendo passada de geração em geração até os pentecostais atuais.

Com isso, norteia-se a resposta da pergunta: por que os pentecostais interpretam a Bíblia da forma que a interpretam? Bom, embora pentecostais do mundo todo olham para a Bíblia de modos diferentes, como apresentado neste estudo, aos brasileiros pelo menos, deve-se ao fato de não terem acompanhado a evolução hermenêutica que aconteceu nos Estados Unidos e ficarem presos no período hermenêutico pentecostal pré-moderno nos foi lhes fora apresentado.

Este estudo não tem a pretensão de solucionar o problema, mas sim, de contribuir com a discussão sobre o tema. Foram levantadas hermenêuticas pentecostais de formas variadas, afim de mostrar aos leitores que há novas possibilidades interpretativas e não somente essas, mas que possam surgir outras hermenêuticas a partir de novas experiências e novos saberes a serem discutidos e debatidos pela comunidade para a promoção do conhecimento da verdade.

---

<sup>245</sup> CARVALHO, Guilherme de. *Dez questões sobre o “Teste da Fé”*: uma resposta inicial aos críticos. In: *Ultimato*. [online]

## CONCLUSÃO

Pelo exposto, foi possível observar que o pentecostalismo clássico, que surgiu nos Estados Unidos no começo do século XX e se espalhou pelo mundo, adquiriu características próprias no Brasil, fruto da interação com as religiões populares e da adaptação às condições locais. Os primeiros pentecostais modernos, como Charles Parham, William Seymour e outros, buscavam um retorno à espiritualidade e à experiência de fé dos primeiros cristãos. Eles acreditavam que a igreja havia se distanciado da pureza da fé e da vida espiritual dos primeiros cristãos e que era necessário um retorno às práticas e à espiritualidade da igreja primitiva.

Os pentecostais acreditam que o Espírito Santo é uma presença viva e ativa na vida das pessoas, e que ele pode ser acessado por meio da oração, do louvor e da adoração. Além disso, os pentecostais também acreditam que os dons espirituais são uma manifestação direta da presença do Espírito Santo e que eles são uma forma de Deus se comunicar com as pessoas, enfatizando a experiência pessoal do Espírito Santo, a importância da oração e do louvor, e a crença em dons espirituais.

Importante mencionar que foi observado que, no Brasil, o pentecostalismo se desenvolveu em um contexto de pobreza e desigualdade social, e tem sido capaz de fornecer esperança e apoio espiritual para muitas pessoas que lutam para sobreviver. Como resultado, o pentecostalismo se tornou uma das formas mais populares de religiosidade no país.

Os pentecostais acreditam que Deus pode curar doenças e enfermidades através do poder do Espírito Santo. Eles muitas vezes oram por cura e realizam serviços especiais com essa temática em suas igrejas. Ainda, acreditam que para experimentar a presença e o poder do Espírito Santo em suas vidas, eles devem viver vidas santas e dedicadas a Deus e isso inclui evitar o pecado e viver de acordo com os ensinamentos da Bíblia.

Os pentecostais também acreditam que estamos vivendo nos últimos dias antes do retorno de Jesus Cristo e do julgamento final. Eles acreditam que é importante estar preparado espiritualmente para esses eventos. A linguagem utilizada no movimento pentecostal é carismática, incluindo falar em línguas e profetizar. Eles acreditam que essas experiências são uma forma de comunicação direta com Deus.

Ainda, viu-se que Vingren, juntamente ao missionário Daniel Berg, chegou ao Brasil em 1910 com o objetivo de evangelizar o país. Eles foram expulsos de algumas igrejas locais por pregar a doutrina do batismo no Espírito Santo e por realizarem curas divinas.

Como resultado, eles começaram a realizar cultos independentes e fundaram o que mais tarde se tornaria a Assembleia de Deus.

O movimento pentecostal se expandiu rapidamente pelo mundo e é particularmente forte na América Latina, incluindo o Brasil, onde é uma das formas de religiosidade com grande adesão popular. O pentecostalismo enfatiza a experiência pessoal do Espírito Santo e a capacidade dos fiéis de receber dons espirituais, como falar em línguas, curar doenças e proferir profecias divinamente inspiradas.

Concluiu-se que as ideias defendidas por Gunnar Vingren se enquadram na hermenêutica pentecostal pré-moderna, tendo em vista que, nessa fase, enfatizava-se, a leitura literal da Bíblia e a importância da experiência espiritual como um fator fundamental na interpretação das Escrituras. Os pentecostais acreditavam que o Espírito Santo iluminava as mentes dos crentes e os ajudava a entender a vontade de Deus através da leitura da Bíblia.

Ainda, valorizava-se a perspectiva escatológica da Bíblia, ou seja, a crença na iminência do retorno de Cristo e no estabelecimento do seu reino, bem como a experiência pessoal de salvação e na vida cristã transformada. Os pentecostais acreditavam que a Bíblia era relevante para a vida cotidiana e que a fé cristã devia ser vivida de maneira prática e dinâmica, com evidências visíveis da presença e do poder do Espírito Santo na vida dos crentes.

Por fim, vale ressaltar que, a hermenêutica pentecostal pré-moderna de interpretação literal, a qual, a interpretação de Gunnar Vingren se encaixa e foi injetada no movimento embrionário pentecostal brasileiro ainda se faz presente em discursos, ensinamentos e pregações de pastores pentecostais modernos que herdaram essa hermenêutica de tradição, mas é de suma importância lembrar, que não é a única possibilidade. Como apresentado nesse estudo, há interpretações bíblicas diferentes disponíveis para pastores assembleianos atuais, sem que estes deixem de ser pentecostais.

O objetivo desse estudo não é fechar o tema da questão: por que os pentecostais interpretam a Bíblia da forma que interpretam? Mas sim, trazer elementos, argumentos e ferramentas que contribuem com a possibilidade de ampliar a visão para um horizonte de alternativas que a própria hermenêutica pentecostal já propôs ao longo da história, com possibilidades de interpretações bíblicas diferentes que respondem questões emergentes.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia: 1911-2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALVES, Eduardo Leandro. *A Sociedade Brasileira e o Pentecostalismo Clássico: Razões socioculturais para a afinidade entre a teologia pentecostal e a religiosidade brasileira*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- ARAÚJO, Isael de. *Apresentação*. In: O Tabernáculo e suas lições por Gunnar Vingren [traduzido por Marta Nair Manhães de Andrade]. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- ARAÚJO, Isael de. *Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- ARCHER, Kenneth J. Hermenêutica pentecostal: questões e desafios. In: SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- BAPTISTA, Douglas Roberto de Almeida. *História das Assembleias de Deus: o grande movimento pentecostal do Brasil*. Curitiba: Intersaberes, 2017.
- BAPTISTA, S.T. C. Fora da Mundo – Dentro da Política: Identidade e “missão parlamentar” da Assembleia de Deus em Belém. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil. *Rever*, ano 12, n. 1, p. 9-30, 2012.
- BINOTI, Janete Jâne. A música pentecostal: um estudo de caso na sede da igreja Assembleia de Deus de Brusque, Santa Catarina. *Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 5, n. 1, p. 79-95, 2017.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 52. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRUMBACK, Carl. *Que quer isto dizer? Uma resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal*. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960.
- BRUMBACK, Carl. *The Origins of Modern Pentecostalism*. Cambridge University Press. 2014.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Abordagens usuais no Estudo do Pentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, p. 23-29, 1995.
- CARVALHO, Guilherme de. *Dez questões sobre o “Teste da Fé”: uma resposta inicial aos críticos*. In: Ultimato. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/testedafebrasil/2013/10/21/dez-questoes-sobre-o-teste-da-fe/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CÉSAR, Elben. Gunnar Vingren e Daniel Berg: os pioneiros das Assembleias de Deus. *Revista Ultimato*, 2018. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/gunnar-vingren-e-daniel-berg-os-pioneiros-das-assembleias-de-deus>. Acesso em: 25 mar. 2022.

CHAVES, Pedro Jônatas da Silva. Raízes históricas do pentecostalismo moderno. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 7, n.1, p. 75-92, 2016.

CHIQUETE, Daniel. Por los caminos de Espíritu: Esbozo de pneumatologia pentecostal desde la Carta a los Gálatas. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2009.

CORDOVA, Tiago de. *História da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Ijuí-RS*. Monografia (Graduação em História) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.

COSTA, Flávio Bessa da. Hermenêutica e cosmovisão pentecostal: postulador e possibilidades de análises. *Revista Científica Eletrônica da Faculdade de Piracanjuba*, Piracanjuba, v. 2, n. 3, p. 77-89, 2022.

DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do Pentecostalismo*. Natal: Carisma, 2018.

DIAS, Júlio César Tavares. O movimento pentecostal: algumas notas após os seus cem anos. *Pol. Hist. Soc.*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 77-94, 2018.

EDVALDO, Everton. *Tradução livre de "Hermenêutica e Experiência Pentecostal"*. In: ESQUINA DA FACULDADE DE TEOLOGIA, Vitória. Disponível em: <http://esquinapentecostal.blogspot.com/2020/04/hermeneutica-e-experiencia-pentecostal.html>. Acesso em: 06 maio 2022.

FARJADO, Maxwell Pinheiro. Religião e memória: afirmação da memória institucional da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, a. V, n. 13, p. 273-284, 2012.

FEE, Gordon Donald. *Gospel and Spirit: Issues in New Testament Hermeneutics*. Baker Academic. 1991.

GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Maurício Antônio de Araújo. *Comparações das visões teológicas pentecostais clássicas e neopentecostais nas Assembleias de Deus: de Samuel Nyström e pastores contemporâneos*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020,

GONÇALVES, Alonso de Souza. Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1669-1674, 2019.

GRAVES, Robert. *Os mitos gregos: volumes 1 e 2*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

IAMUNDO, Eduardo. *Hermenêutica*. São Paulo: Saraiva, 2017.

INTERSABERES (org.). *Fundamentos sobre a comunicação religiosa*. Curitiba: InterSaber, 2016.

KEENER, Craig S. O Espírito e a Interpretação Bíblica. In: SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR., Robert L. *Introdução à interpretação bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LEE, Chang-Soung. A History and an Evaluation of Pentecostal Biblical Hermeneutic. *Journal of Youngsian Theology*, v. 36, 2016.

LIMA, Adriano; BRANDT, Diandra; BOFF, Clodovis. A experiência do “batismo com o Espírito Santo” no pentecostalismo. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 72-84, 2015.

LIMA, Daniel Barros de. *Primórdios da doutrina pentecostal na imprensa: representações de fé e de práticas nos jornais da Assembleia de Deus (1919-1933)*. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.

MARIANO, André Luiz de Castro. Pentecostalismo clássico: algumas semelhanças e diferenças de *ethos* e estilo de vida na Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. *Teologia e Espiritualidade*, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 81-100, 2018.

MARTY. O que é fundamentalismo: perspectivas teológicas. *Concilium*, Petrópolis, v. 241, n. 3, p. 13-26, 1992.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata XI*, n. 2, p. 23-50, 2006.

OLIVEIRA, Amélia Lemos. Hermenêutica e Experiência Pentecostal. *Teologia em Revista*, v. 1, n. 1, p. 109- 147, 2021.

OLIVEIRA, David Mesquiati. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *Rever*, São Paulo, a. 17, n. 2, p. 121-140, 2017.

OLIVEIRA, David Mesquiati; TERRA, Kenner R. C. Êxtase como lócus hermenêutico na experiência religiosa dos pentecostalismos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 11, n. 31, p. 65-86, 2018.

OLIVERIO JR., Louis William. *Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition: A Typological Account*. Leiden: Brill, 2012.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1997.

PANASIEWICZ, Roberlei. *Fundamentalismo Religioso: História e presença no Cristianismo*. In: Educadores. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/8fundamentalismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/8fundamentalismo.pdf). Acesso em: 15/06/2022

PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. Origem do movimento pentecostal no Brasil: Assembleia de Deus de 1910 a 1950. *Revista de Teologia*, n. 2, 2021, p. 235-249.

PEREIRA, Walter. *Temas bíblicos na Escola Dominical da Igreja Assembleia de Deus (2000-2009): avaliação teológica e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.

PRATES, Admilson E.; PIMENTEL, Claudio S. *Hermenêutica dos Textos Sagrados*. Montes Claros: Unimontes, 2015.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHWEITZER, Louis. O fundamentalismo protestante. In: ACAT. *Fundamentalismos integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. A hermenêutica pentecostal contemporânea: conceituações e desafios. In: SIQUEIRA, Gutierres; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. O pentecostalismo clássico brasileiro em vias de midiaticização. *Revista Extraprensa*, v. 11, n. 1, p. 256-277, 2017.

STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e teologia*. Natal: Carisma, 2020.

TERRA, Kenner. A história da hermenêutica pentecostal: origens e desenvolvimento (parte I). In: SIQUEIRA, Gutierres; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020b.

TERRA, Kenner. O ato de interpretar: “a hermenêutica nossa de cada dia”. In: SIQUEIRA, Gutierres; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020a.

THISELTON, Anthony. *Hermeneutics: an introduction*. Grand Rapids, Michigan; Cambridge: William B. Eerdmans, 2009.

ULRICH, Claudete Beise; VILHENA, Valéria Crisitina; SILVA, Leicyelem von Rondow da. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 625-656, 2018.

VINGREN, Gunnar. *O Tabernáculo e suas lições*: monografia de graduação em Teologia do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, defendida em 1909 no Seminário Teológico Sueco de Chicago (EUA). Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

VINGREN, Ivar. *O Diário do Pioneiro Gunnar Vingren*. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*: manual de metodologia. São Leopoldo: Paulus, 1998.

